

Geohistória do Bairro Jesus de Nazareth

Douglas Bonella da Silva



Foto: Acervo IJSN - 1952



UFES – UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO

CCHN – CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

DOUGLAS BONELLA DA SILVA

GEOHISTÓRIA DO BAIRRO JESUS DE NAZARETH

VITÓRIA

2013

DOUGLAS BONELLA DA SILVA

GEOHISTÓRIA DO BAIRRO JESUS DE NAZARETH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr.: Claudio Luiz Zanotelli

VITÓRIA
2013

DOUGLAS BONELLA DA SILVA

GEOHISTÓRIA DO BAIRRO JESUS DE NAZARETH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Geografia.

Aprovado em 21 de Fevereiro de 2013

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Claudio Luiz Zanotelli
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof^a. Dr^a. Ana Lucy Oliveira Freire
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Ms. Maurício Sogame
Universidade Federal do Espírito Santo

“Numa vasta extensão
Onde não há plantação
Nem ninguém morando lá
Cada pobre que passa por ali
Só pensa em construir seu lar

E quando o primeiro começa
Os outros depressa procuram marcar
Seu pedacinho de terra pra morar”

(Padeirinho e Jorginho Pessanha, 1973)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo resgatar aspectos da ocupação do bairro Jesus de Nazareth, situado no município de Vitória – ES, abarcando características importantes para o entendimento da construção do espaço, no que diz respeito às primeiras instalações residenciais, às conquistas da comunidade e o contexto sociopolítico em que estão envolvidas as etapas deste processo de produção do lugar. Foram reunidos documentos, fotografias e entrevistas que auxiliam na compreensão da geohistória do bairro, entendendo o que motivou a vinda das famílias e os conflitos que existiram neste processo. Para elaboração deste trabalho foram efetivadas entrevistas com moradores antigos e pessoas que, de alguma forma, tiveram acesso ao processo de ocupação, por meio de histórias, contadas por parentes ou outros moradores que primeiro se instalaram no morro. Além disso, foram empreendidas pesquisas em órgãos de apoio ao estudo, para garimpo de documentos e fotografias que pudessem ajudar neste trabalho.

Palavras-chave: Bairro, Morro Jesus de Nazareth, urbanização.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Bairro Jesus de Nazareth.....	15
Figura 2 – Localização do bairro Jesus de Nazareth.....	17
Figura 3: Desembarque de pescado e Píer da Praia do Suá, com Jesus de Nazareth ao fundo [2010].....	20
Figura 4: Canteiro de Construção Naval [19--].....	21
Figura 5 - Castanheira, local em que se iniciou a ocupação do bairro.....	22
Figura 6: Baía de Vitória, vista do morro Jesus de Nazareth.....	22
Figura 7: Morro Jesus de Nazareth ao Fundo.....	25
Figura 8: Projeto Novo Arrabalde, com destaque no Morro de Bento Ferreira, atual Jesus de Nazareth.....	27
Figura 9: Plano Agache – Bairro Saldanha da Gama. Com destaque para o Morro de Bento Ferreira [1945].....	28
Figura 10: Mangue de Bento Ferreira [196?].....	29
Figura 11: Construção do Ginásio Jones dos S. Neves [1962] (Morro J. de Nazareth ao fundo).....	30
Figura 12: Construção dos Galpões da Casa de Máquinas [1954].....	31
Figura 13: Foto antiga do bairro Jesus de Nazareth.....	33
Figura 14: Moradora do alto do morro, proveniente do sul da Bahia [2008].....	41
Figura 15: Vila dos Baianos, torres de eletricidade e Castanheira.....	42
Figura 16: Evolução da ocupação; 1970-2000 – Vila dos Baianos.....	43

Figura 17: Excursão anual para o distrito de Pimenta – BA.....	46
Figura 18: Chegada da excursão em Pimenta – BA.....	47
Figura 19: Condomínio Mar Azul.....	50
Figura 20: Vias de acesso no alto do Morro Jesus de Nazareth	51
Figura 21 – Verticalização.....	53
Figura 22 - Simulação de área de faixa não edificável.....	54
Figura 23 – Iluminação das torres.....	55

LISTA DE SIGLAS

Acares - Associação de Crédito e Assistência Rural

DIO - Departamento de Imprensa Oficial

DNER - Departamento Nacional de Estradas e Rodagem

Emater - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Imcaper - Instituto Capixaba de Assistência Técnica e Extensão Rural

PMV – Prefeitura Municipal de Vitória

SEMMAM – Secretaria Municipal de Meio Ambiente

IDAF – Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo

IJSN – Instituto Jones dos Santos Neves

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 METODOLOGIA	11
2 GEOGRAFIAS DE BAIRRO	13
3 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO	18
4 FORMAÇÃO DO BAIRRO JESUS DE NAZARETH	24
4.1 Ocupação do entorno e a chegada de instituições.....	26
4.2 Primeiro ciclo de ocupação.....	34
4.3 Segundo ciclo de ocupação.....	41
5 EVOLUÇÃO DOS EQUIPAMENTOS E INFRAESTRUTURA NO BAIRRO	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	61
ANEXO 2 – POLIGONAIS DO PROJETO TERRA	62
ANEXO 3 – INSTALAÇÃO DE REDE DE ILUMINAÇÃO	63
ANEXO 4 – LAVANDERIA PÚBLICA.....	64
ANEXO 5 – DENOMINAÇÃO JESUS DE NAZARETH	65
ANEXO 6 - TRABALHOS DE URBANIZAÇÃO.....	66
ANEXO 7 - FOTOGRAFIAS ANTIGAS.....	67
ANEXO 8 - FOTOGRAFIAS COMPARATIVAS.....	70

INTRODUÇÃO

O interesse por essa pesquisa surge especialmente por ser eu um morador do bairro pesquisado, o que gerou o desejo de compreender a composição da paisagem atual deste lugar que está entremeado de lembranças pessoais e de curiosidades a respeito de sua formação. Além disso, posso considerar como elemento catalisador deste estudo, as histórias contadas pelos moradores mais antigos, que me enchiam de dúvidas e interesse pela história de formação do local.

Este trabalho nasce, portanto, da intenção de compreender o processo de formação do bairro Jesus de Nazareth, situado em Vitória – ES. A ocupação do bairro se deu de forma espontânea, ou seja, não houve planejamento institucional público ou privado para consolidá-la, por conta disso, no correr do processo de construção de moradias e da apropriação de terrenos ocorreram conflitos com a prefeitura, além disso, algumas outras dificuldades, ainda do início da ocupação, foram relatadas, podendo ser citados o difícil acesso à água, a ausência de pavimentação e iluminação.

Na intenção de representar a “geografia do bairro”, ou seja, compilar e fornecer dados que auxiliem no entendimento da configuração deste lugar, inserido num contexto urbano de uma cidade de proporções consideráveis, busquei entender as inter-relações da história da cidade com a construção do bairro, compreender de que forma os diversos tempos se fixaram na composição do espaço geográfico que encontramos hoje nesta pequena porção da cidade.

Visto que, o processo de construção do espaço local encontrava-se ainda disperso em arquivos administrativos, registros informais e na memória de moradores, se fez necessário a elaboração de um trabalho que registrasse dados antigos e os tornasse acessíveis às gerações posteriores.

Além de atender, em parte, a carência de registros escritos sobre a ocupação do morro, o trabalho tem por objetivo agrupar dados a respeito da composição atual do

lugar Jesus de Nazareth, dados estatísticos e imagéticos que auxiliem na compreensão deste espaço.

Pretende-se por fim tecer um trabalho que seja acessível à comunidade moradora do bairro, para que o estudo possa ser útil para os moradores que nele vivem, servindo como um resgate parcial de uma memória geohistórica.

1 METODOLOGIA

O processo de montagem desta pesquisa foi relativamente longo, se deu em três semestres letivos, contudo, a ideia de estudar o bairro já existia antes mesmo de entrar na graduação. Esse assunto surgiu da vontade de entender a composição da paisagem atual do bairro, sou pesquisador participante, morador do “objeto” de estudo, tendo a pesquisa um valor subjetivo.

O primeiro passo foi a conversa informal com moradores do bairro, posteriormente, já como estudante de Geografia, me dediquei a ler livros que tinham ligação com estudo de ocupações irregulares, livros e documentos que tratavam da ocupação de bairros circunvizinhos, como Praia do Suá, Praia do Canto, Bento Ferreira e Ilha de Santa Maria, além disso, pesquisei sobre a ocupação da cidade de Vitória, sobretudo após o processo de industrialização. Podem ser citados como fontes de importante auxílio à pesquisa, no que tange a compreensão do lugar Jesus de Nazareth as obras, Praia do Sua (MATTEDI, 2002), O Novo Arrabalde (CAMPOS JUNIOR, 1996) e documentos institucionais onde constam a caracterização e histórico do local.

A pesquisa sobre o bairro foi efetivada por meio de entrevistas qualitativas aplicadas aos moradores, isso com o intuito de entender os motivos do deslocamento e como se deu a ação dos órgãos públicos, procurando compreender de que forma a ocupação se distribuiu no tempo e no espaço. Foram realizadas ao todo 10 entrevistas com moradores que vivenciaram a formação do bairro, esses moradores foram indicados pela própria comunidade. As entrevistas foram semiestruturadas, com roteiro de 10 perguntas abertas, conforme anexo 1, contudo, surgiam novas indagações no correr do trabalho. Duas entrevistas foram gravadas em audiovisual, seis entrevistas tiveram somente o áudio gravado e duas foram somente escritas.

As entrevistas que não foram registradas em áudio, aconteceram de forma espontânea, uma delas foi com o senhor José Tatagiba, jornalista e escritor que já foi morador do bairro, e outra com a Dona Djalma, a moradora mais antiga do bairro,

isso afirmado por ela e por demais moradores. Por vezes essa senhora foi procurada para ser entrevistada, mas não se encontrava em sua residência, e um dia, por acaso, foi encontrada em frente a sua casa, nessa oportunidade conversamos sobre os aspectos da construção do bairro, seguindo o mesmo roteiro de perguntas.

Houve um levantamento nos órgãos públicos de pesquisa: Instituto Jones do Santos Neves e Biblioteca Pública Estadual; e nos arquivos públicos: Arquivo Público Estadual e Arquivo Público Municipal. Nestes locais, efetuei pesquisa nos jornais antigos, de A Gazeta e A Tribuna, bem como em registros institucionais a respeito da ocupação do morro Jesus de Nazareth, conseguidos, sobretudo, nos arquivos públicos estadual e municipal.

Na Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semmam), foram disponibilizados registros técnicos das décadas de 1990 e 2000, constando áreas de risco, áreas de interesse ambiental, e social, esses documentos foram de grande valia na caracterização do bairro, destacando-se os seguintes estudos: o Diagnóstico Situacional de Saúde, (PMV, 1997), Diagnóstico Sócio-Organizativo (PMV, 1998?) e a Análise Técnica, do Projeto Terra (PMV, 2000), ambos elaborados pela Prefeitura Municipal de Vitória (PMV). Outro documento de importância foi o Projeto de Regularização Fundiária (VALE 2011), elaborado pela fundação Vale, contendo ampla pesquisa sobre diversos aspectos do bairro, sendo o levantamento histórico da situação fundiária o dado mais relevante para este trabalho.

Outra fonte de dados, importante para este estudo, sobre a formação do bairro Jesus de Nazareth, foi o vídeo gravado em 2007 com o nome de “Entre o morro e o mar é aqui que quero morar” (ENTRE, 2007), esse trabalho foi elaborado pela professora de história Elizeare, que atuava no ensino noturno da escola “Edna de Mattos Siqueira Gáudio” situada no bairro. Com auxílio dos estudantes foi elaborado um audiovisual, com a proposta de contar a história do lugar e sublinhar assuntos relevantes da comunidade.

Para a compreensão do assunto em maior escala foram estudados os livros Planeta Favela (DAVIS, 2007), Industrialização e Empobrecimento Urbano (SIQUEIRA, 2001) e Espaço e Método (SANTOS, 1992). Para o levantamento bibliográfico sobre o estudo do bairro na geografia, foram consultadas duas dissertações de mestrado e uma monografia, que refletem sobre essa porção do espaço geográfico, sendo respectivamente: A Cidade Sob O Olhar Da Periferia - Aspectos Do Cotidiano Dos Moradores Do Morro Dos Alagoanos (BARROS, 2010); Formação Socio-Espacial da Antiga Vila Operária de Chico City, Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo (RIBEIRO, 2011) e; Geografia de Bairro, Territórios Vividos e Experiência Urbana no Bairro Bosque, Campinas (PAULA, 2007).

2 GEOGRAFIAS DE BAIRRO

“Na parede onde se brinca
No chapisco encarpado
A parede que escora
O fininho da vida
Os verdadeiros heróis são os guerreiros da lida

Por entre as trincheiras, barracos
Passam num sopro da vida
Subindo e descendo em silêncio
No caminho apertado que tem [...]”

(O Rappa, 2007)

Os bairros, na geografia, se configuram como importante fonte de pesquisa, mesmo sendo uma pequena porção, quando comparados à região metropolitana e outras abordagens de áreas mais amplas, nos bairros é que se estabelecem, com maior expressividade, as relações pessoais.

As abordagens de estudo direcionadas às pequenas porções de espaço geográfico não devem ser desmerecidas, pois encontramos verdadeiros universos nos interiores particulares. Este estudo pretende disponibilizar material a respeito do lugar Jesus de Nazareth, conciliando sua ocupação com os aspectos históricos e econômicos do Espírito Santo e do Brasil, pretendendo compreender de que forma as *influências* do macro se fixam na construção da paisagem local.

Sendo a paisagem um elemento particular e diferenciado pela composição dos diferentes modos de existir e ocupar o ambiente, o bairro se insere nesta máxima, pois é construído por atores que se fixam no espaço modificando-o.

Segundo Santos,

A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção.

A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida para dar lugar a uma outra forma que atenda às necessidades novas da estrutura social” (SANTOS, 1991, p. 38)

Na percepção de que a paisagem do lugar sofre a ação direta dos sentidos e afetos daqueles que o constroem, lidamos com as apropriações emotivas do espaço. Para abordar esse assunto Yi-Fu Tuan utiliza o termo topofilia ao se referir à associação do sentimento com o espaço. Segundo ele, “a palavra topofilia é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107).

Os espaços de convivência ganham um aspecto diferenciado dos demais locais de simples uso da região urbana. As praças, as árvores, ruas e becos ganham sentidos e lembranças, são mais do que espaços de traslado, são locais vividos, experimentados, dotados de histórias e apropriações pessoais, refletem um sentimento.



Figura 1: Bairro Jesus de Nazareth
Fonte: Fotografia do autor

Nas entrevistas, percebemos a subjetividade e o saudosismo sublinhar as falas dos moradores, não que isso retire o valor científico do trabalho, mas ressalta a importância da pesquisa documental e bibliográfica. Na pesquisa qualitativa é realmente difícil separar o que é sentimento do que é o fato histórico e saber geográfico.

O lugar, portanto, é fruto de relações pessoais, em que os valores subjetivos e as realidades econômicas individuais e coletivas ganham formas. No caso deste estudo, isso se configura, em realidade, na busca pela proximidade dos parentes, nos espaços de convivência informal, na busca da moradia, mesmo que nas fissuras da cidade, e na constante redivisão de terrenos. O lugar é, segundo MELLO (2005, p. 34), “[...] emocionalmente modelado, introjetado e revestido de eventos, pessoas, itinerários, lutas, ambiguidades, envolvimento, sonhos, desatinos [...]”.

Ainda refletindo sobre a questão do lugar, dando abordagem ao recorte do bairro, Carlos (apud BARROS, 2010, p.54), nos diz que o bairro se revela no plano do vivido, nessa dimensão, “ocorre a produção de laços de solidariedade e união dos habitantes, criados nas relações de vizinhança, que colocam em evidência a prática do habitante”. Nesse sentido, o uso tem um caráter local, trajetos e percursos que dizem respeito à vida, o que abre a possibilidade de se pensar as diferenças que emergem para além da racionalidade. O indivíduo habitante, portanto, está ligado de forma afetiva ao espaço em que convive.

O bairro é a forma de encontro direto da pessoa com a cidade. Na cidade, fora de seu lugar de convivência, as pessoas se perdem, podem não saber onde estão, andar sem ser reconhecido, portanto, segundo Paula:

o bairro é a cidade na escala do corpo (enquanto cidades de porte médio e grande, por exemplo, são difíceis de serem experienciadas integralmente, o bairro faz referência a uma área passível desta experiência concreta, de envolvimento sensorial pleno, corpo presente) e, assim, é o espaço a partir do qual a pessoa vai estruturar suas relações com toda a cidade. (PAULA, 2007, p. 13)

Mesmo relevando as novas relações que se dão nos espaços de moradia urbana, que se fazem, cada vez mais, como formas simples de uso, em que as relações interpessoais se apresentam mais diluídas, sobretudo, nas moradias verticalizadas e em bairros não populares, onde o espaço de moradia nem sempre se confunde com o espaço de convivência, é ainda notável a grande fonte de convívio encontrada nos bairros, sobretudo nos bairros que abarcam as parcelas desfavorecidas ou mais simples da sociedade.

Especialmente no Bairro Jesus de Nazareth torna-se notável a quantidade de relações de parentesco existentes entre os moradores. Não é difícil encontrar locais, becos e escadarias, que são ocupados, em sua maioria, por parentes. Essa experiência proporciona uma vizinhança diferenciada, formando laços especiais. A respeito disso, escreve Seabra:

Este nível da prática social, compreendido por relações de vizinhança, de compadrio e de parentela, inscrevendo-se no espaço, permitiu que se

formasse um âmbito de relações de qualidade a partir das experiências vividas. (apud RIBEIRO, 2011, p.55)

Nos bairros populares as pessoas não são reconhecidas pelos números das casas ou apartamento. São citadas como filho de um conhecido ou parente, neto de algum morador mais antigo.

Posso acreditar que essa não é uma característica exclusiva do bairro estudado. Os aspectos de convívio, encontrados nos bairros populares, são claramente diferenciados dos demais bairros. O burburinho que se pode encontrar nestas localidades, que abarcam as parcelas populacionais de menor poder econômico, demonstra um alto grau de pertencimento ao lugar. Os gritos de cumprimentos, as conversas, crianças brincando nas ruas e a quase impossibilidade de silêncio, são características marcantes que podemos encontrar nos bairros populares. As vielas, os becos, as pequenas ruas e escadarias, pelo tamanho, quase que obrigam o convívio.

As referências, os pontos, as toponímias estão encharcadas de relações pessoais, entremeadas de momentos de vivências de tempos atuais e anteriores. Retornando ao Bairro Jesus de Nazareth, “Castanheira”, “Pedrão”, “Vila dos Baianos”, “Beco da Baiana”, são referências de localização, de lembranças, de territorialidades, de afetos e desafetos diretos. Além disso, algumas ruas, becos e escadarias recebem o nome de antigos moradores.

O bairro Jesus de Nazareth, pela sua formação “irregular”, proporciona o encontro. As residências estão próximas umas das outras, quando não misturadas. O espaço público e privado não estão muito bem determinados. Os quintais são caminhos, e os caminhos são quintais.

Essas características tendem a ser diluídas aos poucos. Lembro-me que, quando criança, para se chegar a determinados locais passávamos por quintais sem cercas e isso aos poucos tem mudado, o particular vem se fortalecendo, contudo, nada parecido com a cidade formal.

Dentre as arquiteturas urbanas, os bairros de autoconstrução revelam-se na forma de um resquício da apropriação do espaço para o homem e suas necessidades básicas. Os caminhos podem lembrar as picadas nas matas, as veredas curtas e suficientes, sendo um contraponto às ruas largas adaptadas para os carros. A capacidade de arquitetar as casas aproveitando o espaço da forma mais intensiva possível é no mínimo admirável. Pelo fato de ser um terreno acidentado, composto por escarpas e matacões, a construção se torna ainda mais complexa, e necessariamente criativa.

3 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

O bairro Jesus de Nazareth está situado ao sul do Município de Vitória-ES, margeado pela Baía, fazendo limite com os bairros Enseada do Suá, Praia do Suá e Bento Ferreira. Conforme o mapa de localização (figura 2).

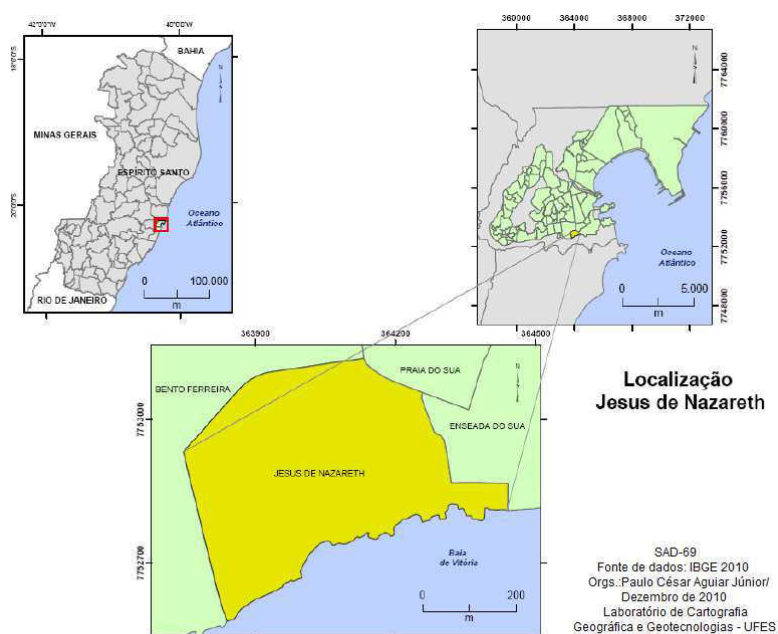


Figura 2: Localização do bairro Jesus de Nazareth (2010)

Segundo análise técnica realizada pelo Projeto Terra (PMV, 2000), iniciativa da Prefeitura Municipal de Vitória, com o intuito de regularizar as ocupações da cidade, 35% da área total do bairro é composta por afloramentos rochosos, sendo estes caracterizados por matacões e escarpas, isso acabou por dificultar e tornar arriscada a ocupação em boa parte do morro, sobretudo na parte superior do bairro. Em função disso, nas partes mais baixas encontramos as casas dotadas de maior infraestrutura, já nas partes mais altas do bairro encontramos vias de acesso e moradias precárias, locais que foram ocupados em momentos mais recentes (PMV, 2000, p.2).

O Projeto Terra (PMV), segundo mencionado na Revisão do Plano Diretor Urbano do município (PMV/Instituto Polis, 2003), dividiu as áreas de intervenção da cidade em Poligonais, o bairro Jesus de Nazareth é denominado Poligonal 5, conforme mapa encontrado no anexo 2.

Segundo o censo de 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o bairro apresentava 3.374 habitantes. Ao longo desses dez anos é notável o aumento da população, pois o bairro está localizado próximo a polos econômicos e administrativos, tais como a Enseada do Suá e o Centro de Vitória, o que o torna atrativo. Outro aspecto que nos leva a acreditar neste aumento populacional é a construção de novas habitações, o que evidenciaria um aumento na demanda por moradias, indicando, portanto, um aumento populacional.

Contudo, no estudo feito pela Fundação Vale, em 2011, o número de moradores mensurado foi de 3.285, o que demonstra uma redução na população (Fundação Vale, 2011, p.6), sendo que o mais surpreendente foi o resultado do censo 2010, realizado pelo IBGE, disponibilizado no site da PMV, em que a população estimada do bairro Jesus de Nazareth é de 2.565 habitantes (IBGE - Censo Demográfico 2010), apresentando uma diferença muito grande de dados, indicando acentuada redução no número de moradores, em relação ao censo de 2000, portanto, é provável que exista um erro na pesquisa da Fundação Vale ou no Censo do IBGE.

A economia local está muito ligada à pesca, isso se dá pelo fácil acesso ao mar e pela influência da Praia do Suá, bairro que tem sua formação muito ligada à atividade pesqueira. Na porção do bairro voltada para a baía, é comum um grande número de barcos ancorados e outros tantos atracados ao píer. No sopé do morro funcionam estaleiros para manutenção de barcos e centros receptores de pescado.

Segundo o jornal A Tribuna de 30/04/2002, naquele momento a pesca era uma das atividades que mais se destacava no local. Quinhentos moradores viviam dessa fonte de renda (A TRIBUNA, 2002). As atividades relativas à pesca se tornaram uma tradição no bairro, passadas de geração em geração, no dia 29/08/2006 o mesmo jornal, informa na matéria intitulada *Dinheiro vem do mar em Jesus de Nazareth*: “[...] Pescadores, peixeiros, mecânicos de motor de embarcações, e carpinteiros navais são algumas das atividades passadas de pai para filho no bairro” (A TRIBUNA, 2006).



Figura 3: Desembarque de pescado e Píer da Praia do Suá, com Jesus de Nazareth ao fundo, 2010.
Fonte: Fotografias do autor

A atividade de manutenção e construção de embarcações é uma prática antiga nas proximidades do bairro, a fotografia a seguir pode demonstrar essa afirmativa ao

ilustrar uma embarcação no “pé” do Morro de Bento Ferreira (atual Bairro Jesus de Nazareth).



Figura 4: Canteiro de Construção Naval [19--].

Fonte: Projeto “Continuando a História” – Praia do Suá. (apud SOUZA, 2010 p.45)

No Diagnóstico Situacional, compilado pela Secretaria Municipal de Saúde, datado de 1997, é feita a seguinte referência à ocupação profissional dos moradores:

Em relação a ocupação dos moradores, prevalece a pesca e construção civil e outras profissões como: trabalhadores domésticos, comerciantes, servidores públicos incluindo os da saúde e serviços gerais. A faixa salarial predominante é de até dois salários mínimos. (PMV 1997, p. 8)

Infelizmente nas pesquisas efetivadas visando a caracterização das atividades remuneradas exercidas pelos moradores, não foi possível encontrar dados mais recentes a respeito.

O mar não é somente fonte de renda para comunidade, mas também uma referência, uma identidade, as crianças brincam na praia, sobem nos barcos. Existe, de fato, uma relação estreita, em que o mar é brinquedo e trabalho, além de proporcionar uma vista privilegiada da Baía de Vitória à população.



Figura 5: Castanheira, local em que se iniciou a ocupação do bairro.
Fonte: <http://assjesusdenazareth.blogspot.com.br/>, disponível 05/12/2012



Figura 6: Baía de Vitória, vista do Morro Jesus de Nazareth, 2012.
Fonte: Fotografia do autor

A ampla ocupação desta região e do bairro estudado, só foi possível pela efetivação dos aterros da Praia do Suá e de Bento Ferreira, locais anteriormente tomados respectivamente pelo mar e por áreas de manguezal. A criação dos bairros de Bento Ferreira e Enseada do Suá, e a ampliação do bairro da Praia do Suá facilitaram o acesso ao morro. Aspectos que serão ilustrados mais a frente.

Essa região, que abarca os bairros de Praia do Suá, Bento Ferreira e Enseada do Suá, vizinhos ao morro, tem se tornado um dos mais importantes polos econômicos e administrativos do estado, sendo objeto de especulação imobiliária e grandes investimentos, influenciando também no custo de vida dos moradores de Jesus de Nazareth, com aumento de alugueis e aumento nos preços dos imóveis.

A partir de entrevistas com proprietários de imóveis, o valor do aluguel de uma residência de 100 m² é de aproximadamente um salário mínimo. O valor do metro quadrado para revenda está próximo de 1.400 reais. Lembrando que o valor pode variar muito de acordo com a localização da residência dentro do bairro, contudo, o aumento no custo habitacional é percebido de forma generalizada, dentro do bairro.

Se comparado a Bento Ferreira o valor dos alugueis e dos preços de venda, em Jesus de Nazareth são, logicamente, muito baixos. O bairro de Bento Ferreira está localizado nas proximidades do bairro Jesus de Nazareth, contudo, conta com infraestrutura urbana, se tornou um dos polos de crescimento imobiliário de Vitória e é ocupado por famílias com maior poder financeiro. O preço médio do aluguel de um apartamento, do mesmo tamanho referido, está próximo de dois salários mínimos, e o preço de revenda por metro quadrado está, aproximadamente, 3.000 reais o metro quadrado.

Para fazer uma análise mais detalhada, seria necessário um amplo estudo sobre o setor imobiliário desta região, considerando as diversas variáveis, tais como: presença de garagem, quantidade de quartos e banheiros, localização dentro do bairro, dentre outros fatores. Portanto esses dados mensuram de forma genérica as condições do setor imobiliário dos dois bairros supracitados.

4 FORMAÇÃO DO BAIRRO JESUS DE NAZARETH

“Se para o conhecimento, o grande desafio está em conhecer o desconhecido, para o pensamento, o desafio é pensar o conhecido” (LEÃO apud PAULA, 2007)

O processo histórico da ocupação no Morro de Bento Ferreira, atualmente denominado bairro Jesus de Nazareth, tem ressonância com diversos casos de ocupação irregular na região metropolitana da Grande Vitória. A partir da desestruturação da economia rural e da nascente industrialização no estado, parte dos trabalhadores rurais se deslocou para a capital do Espírito Santo em busca de emprego e melhores condições de vida.

Esse processo fez surgir bairros que pudessem abarcar essa população desprovida de recursos e que não poderiam prover moradia em arrabaldes dotados de estrutura mínima e já estabelecidos. Deram, portanto, consistência ao processo de autoconstrução e ocupação de áreas alagadas e desocupadas, nas margens dos mangues e nos morros da cidade. Áreas, até então, não visadas para habitação, pois apresentavam obstáculos à construção e se distanciavam do centro econômico, ainda localizado no centro histórico da capital.

Portanto, com o advento da industrialização e o aumento da demanda por moradia, surge, também, a ocupação no Morro de Bento Ferreira, tendo seus primeiros moradores se instalado ali na década de 1950. O bairro, por se localizar em região distante do primeiro centro econômico, tem sua ocupação adensada nas décadas mais recentes. Até a década de 1960, segundo moradores, o local apresentava poucas moradias. O bairro mais próximo era a Praia do Suá, com ocupação mais antiga e pequeno número de moradias, já habitado desde 1906 com a economia ligada ao mar, à pesca e manutenção de barcos (SOUZA, 2010, p.37), conforme já abordado.

Na ilustração abaixo podemos notar a Praia do Suá com o morro Jesus de Nazareth no plano de fundo, ainda não apresentando moradias, a não ser no sopé do bairro na porção voltada para o mar.

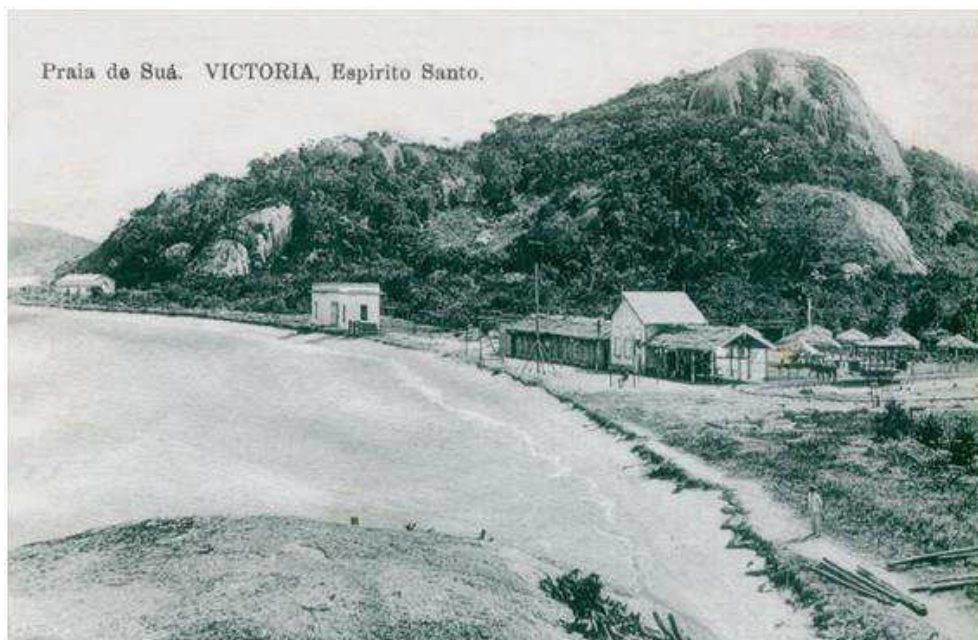


Figura 7: Morro Jesus de Nazareth ao Fundo [19--?]

Fonte: <http://fotosantigasdevitoria.blogspot.com.br/>, acesso em 10/06/2012

A partir de entrevistas, pesquisas em arquivos públicos e acervos pessoais, apresenta-se a possibilidade de dividir o processo de ocupação em dois momentos, que serão denominados ciclos de ocupação, considerando como primeiro ciclo: o início da década de 50 até o fim da década de 1980; e o segundo ciclo: no decorrer da década de noventa até a época atual. Momentos que serão mais detalhados à frente. A proposta é compreender as inter-relações desses ciclos migratórios com a conjuntura socioeconômica existente nestes momentos, ilustrando os momentos históricos com as fotografias encontradas no decorrer da pesquisa.

Um fator preponderante para a ocupação do bairro foi a transformação do seu entorno imediato, possibilitada pelos aterros e pela chegada das instituições, conforme veremos no próximo tópico.

Mesmo sendo um bairro relativamente pequeno, existem, no Jesus de Nazareth, algumas subdivisões, criadas ao longo dos anos pelos próprios moradores, são elas: *Castanheira ou Prainha*, situada na parte baixa do bairro, margeada pela baía, de onde surgiu o início da ocupação do morro; Ponto Final, localizado entre o sopé e o alto do morro, funciona como centro comercial do bairro, tendo acesso facilitado por ruas; *Pedrão*, porção alta do morro, de ocupação recente, próxima às torres de transmissão elétrica, sendo uma área de acesso limitado, pois as vias são compostas por escadarias e becos; *Vila dos Baianos* ou *Invasão*, ocupação a partir da década de 90, acelerada com o fluxo migratório de famílias do sul da Bahia, voltada para a avenida Beira Mar situa-se na vertente do morro mais inclinada.

4.1 OCUPAÇÃO DO ENTORNO E A CHEGADA DE INSTITUIÇÕES

A região circunvizinha do bairro passa a tomar maior importância a partir da elaboração de planos de urbanização. Pela efetivação do Novo Arrabalde, projetado ainda no fim do século XIX, pelo engenheiro sanitário Saturnino de Brito, a cidade se expande para a região das praias nas proximidades do bairro. Portanto, o morro que estava isolado do principal polo econômico e social, passa a se encontrar no novo eixo de crescimento da cidade, nas proximidades dos bairros Enseada do Suá e Bento ferreira, ocupados, essencialmente, pela classe média e alta (MENDONÇA, 2009, p.96).

Conforme veremos na figura a baixo, o local de estudo está incluído nos limites do Novo Arrabalde, dentro deste projeto os morros eram tidos como fonte de visadas, e não eram citados ou planejados para receberem moradias e comércio. Contudo ao longo dos anos os espaços foram sendo ocupados por populações que não

possuíam condições econômicas para se fixarem nas áreas planejadas, dotadas de pavimentação, esgoto e infraestrutura.



Figura 8: Projeto Novo Arrabalde de 1896, com destaque no Morro de Bento Ferreira, atual Jesus de Nazareth.

Fonte: <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/o-novo-arrabalde.html> acesso em 15/06/2012

Ainda nos planos não consolidados, como o proposto pelo arquiteto francês Agache, não havia propostas de ocupação nos morros da região de expansão da cidade, prevendo que estes locais fossem reservados como áreas verdes e/ou parque urbanos, conforme a figura 8.



Figura 9: Plano Agache – Bairro Saldanha da Gama. Com destaque para o Morro de Bento Ferreira, 1945.

Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória - Centro de documentação da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano

Em Bento Ferreira, de onde vem o principal acesso ao bairro, havia um mangue que se estendia da Ilha de Santa Maria até as proximidades da Praia do Suá. A partir da década de 1950 o mangue começou a ser aterrado e a área passou a receber instituições e moradores (A GAZETA 1993; A TRIBUNA, 2001).

Foi no governo de Jones dos Santos Neves (1951-1954) que se deu início ao aterro do manguezal (SOUZA, 2010, p 63). A fotografia a seguir (figura 10) pode ilustrar o momento anterior, em que boa parte da do bairro de Bento Ferreira e a Ilha de Santa Maria formavam um grande manguezal.

A respeito desse período, o morador do bairro Jesus de Nazareth, Dediel nos conta sobre esse momento e como faziam para se deslocar para Gurigica, bairro situado nas proximidades da Avenida Vitória. Diz ele:

Nós saíamos daqui (Jesus de Nazareth) para ir à feira de Gurigica... Isso depois de muito tempo já morando aqui. A gente ia na feira dia de domingo, pegava um pontilhão aqui no (clube de futebol) Vitória até chegar lá na avenida Vitória, aqueles pontilhões de tábua que eles faziam pelo mangue.



Figura 10: Mangue de Bento Ferreira [196?]
Fonte: Acervo de José Tatagiba

A partir das imagens e das entrevistas com os moradores, podemos concluir que até a década de 1960 a utilização do morro como forma de habitação era ainda rarefeita e se concentrava na parte baixa do bairro voltada à baía de Vitória. Para ratificar essa informação a fotografia abaixo pode demonstrar o aspecto do bairro na porção oposta ao mar, voltada para o Ginásio Jones dos Santos Neves, ainda em construção, na Av. Marechal Mascarenhas de Moraes.

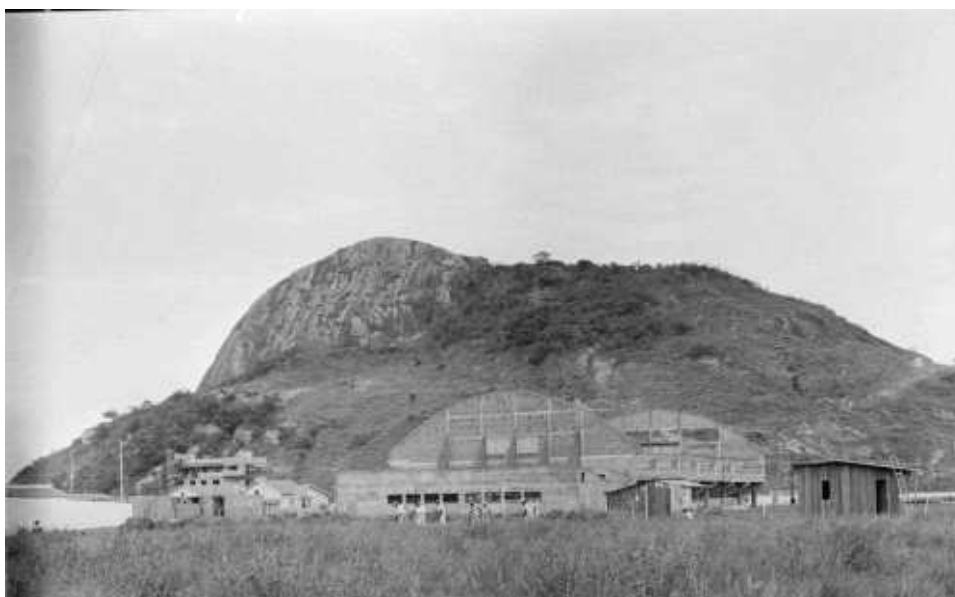


Figura 11: Construção do Ginásio Jones dos S. Neves, 1962 (Morro J. de Nazareth ao fundo)
Fonte : Arquivo público estadual

Aos poucos a porção próxima ao Morro de Bento Ferreira se torna um local viável para moradia e comércio. A densa ocupação se consolidou na década de setenta com a conclusão dos aterros da Praia do Suá, que possibilitou a vinda de diversas instituições para próximo do Morro.

A fotografia acima demonstra uma das obras que, possivelmente, trouxeram novos moradores para o bairro, pois, com a expansão da cidade, Bento Ferreira, localizado aos pés do morro, ganha novo prestígio na capital e passa a abrigar diversos órgãos públicos e privados, isso trouxe empreendimentos imobiliários. À população de baixa renda o morro se abria como uma possibilidade de moradia, próxima ao novo eixo de crescimento da cidade.

Com o processo de urbanização na circunvizinhança, o morro de Bento Ferreira, sobretudo em sua porção mais baixa, passou a servir de moradia para trabalhadores do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Departamento de Imprensa Oficial (DIO), Secretaria de Segurança Pública Estadual, Clube de Natação e Regatas Álvares Cabral, Secretaria de Transporte e da Sede da Prefeitura de Vitória. Os trabalhadores, pelo que se percebe nas entrevistas, em sua maioria, eram ligados à

serviços de baixa remuneração, como: vigilantes, auxiliares de construção civil, motoristas e demais funções ligadas a prestação de serviço de mão de obra pouco qualificada.

A respeito deste processo de criação e transferência de instituições para essa porção da Ilha de Vitória, o jornalista e historiador José Tatagiba, em entrevista realizada pela professora Elizeare e alunos da escola “Edna de Mattos Siqueira Gáudio” afirma que:

No governo de Cristiano dias Lopes Filho, 1969, ele transferiu vários órgãos do centro da cidade para essa região, que foram: a ACARES (Associação de Crédito e Assistência Rural, hoje intitulado, Instituto Capixaba de Assistência Técnica e Extensão Rural [Imcaper]), o DNER, DER (Departamento de Estradas de Rodagem), Diário Oficial, Chefatura de Polícia, A Gazeta, também começou a fazer a sede, A tribuna... Foi quando começaram a se formar e aparecer esses bairros: Bento Ferreira, Jesus de Nazareth e Ilha de Santa Maria.

Podemos citar também a construção da Casa de Máquinas que ficava situada no próprio bairro Jesus de Nazareth, representada na próxima fotografia. Pelos registros encontrados, foi a primeira construção institucional efetivada próximo ao bairro, construída, ainda na década de 1950.



Figura 12: Construção dos Galpões da Casa de Máquinas [1954]
Fonte: Arquivo Público Estadual

A Casa de Máquinas era composta por dois galpões e estaleiro naval, a estrutura foi utilizada primeiramente pelo Porto de Vitória, pela pesquisa efetivada no Arquivo Público Estadual entende-se que o local era utilizado como suporte à manutenção e/ou produção de maquinário voltado para as atividades portuárias. Posteriormente os galpões abrigaram a Superintendência de Segurança Pública. A última função do local, após ser desestatizado, foi servir de sede administrativa e estoque do Supermercado Boa Praça, recentemente, a área foi desapropriada pela Prefeitura Municipal de Vitória (VALE, 2011), um galpão foi demolido e deu lugar ao Conjunto habitacional Mar Azul, o outro está em processo de demolição.

No período em que os galpões eram utilizados pela Superintendência de Segurança Pública, funcionava no local uma Chefatura de Polícia, tendo um espaço para detenção, esse momento é citado pelos mais antigos, como um período de apreensão, momento em que a população do bairro vivia muito próxima à carceragem e, por isso, com receio de possíveis fugas de presidiários.

Djalma relatou que no período em que a Superintendência de Segurança Pública funcionava no bairro os moradores ficavam apreensivos com as fugas dos detentos, dizendo, inclusive, que em certo momento um homem foragido veio a se esconder perto de sua casa.

A foto a seguir (figura 13), nos mostra a proximidade das instituições e dos novos prédios com o morro e ao fundo o aterro da Praia do Suá ainda em andamento. Pode-se perceber a já significativa ocupação do morro.

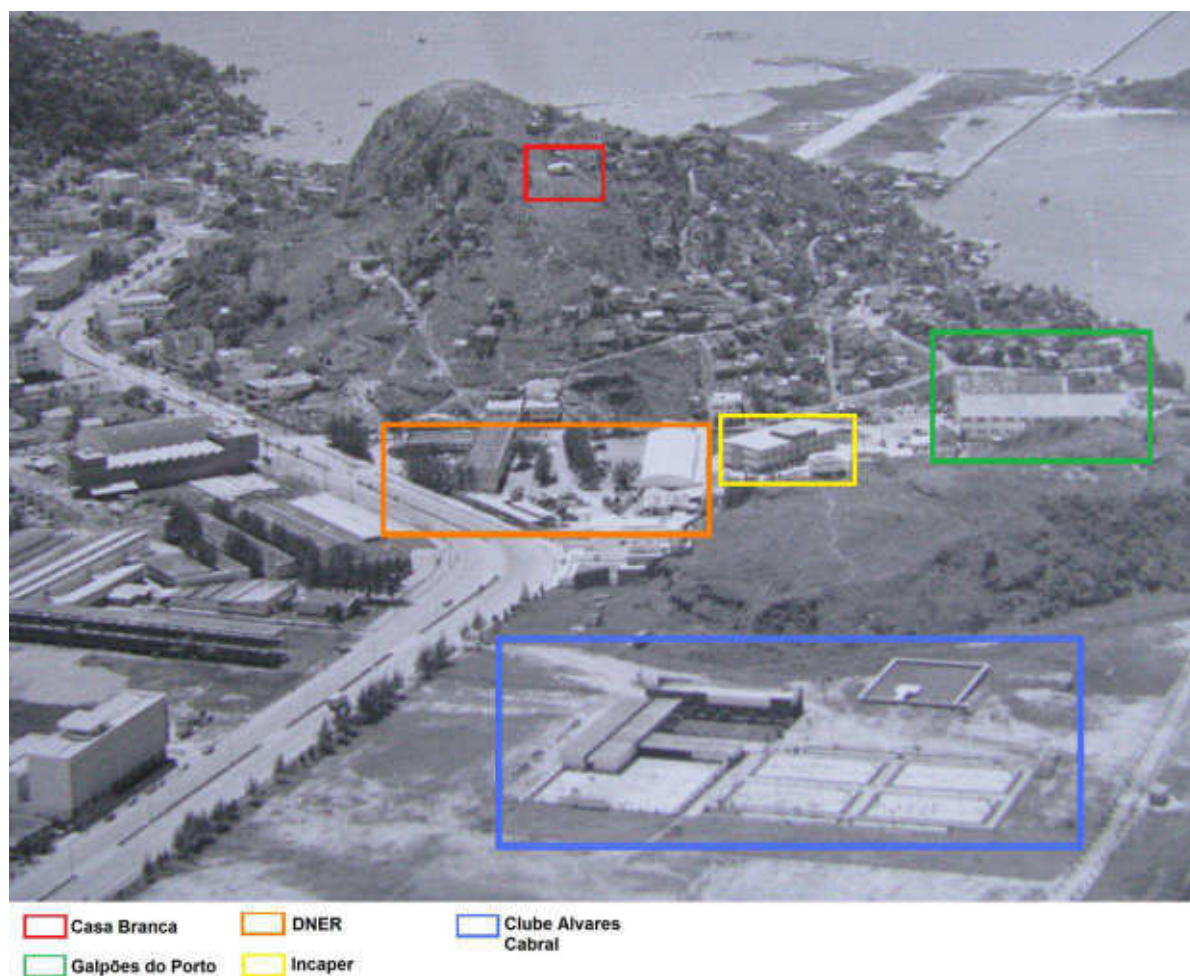


Figura 13: Foto antiga do bairro Jesus de Nazareth
 Fonte: Acervo de José Tatagiba 197?.

Segundo entrevistas, o DNER, até pelo menos no início da década de 70, mantinha uma instalação de comunicação no alto do morro, em que havia uma torre e uma estrutura em alvenaria. O espaço de alvenaria até pouco tempo estava sendo utilizado como moradia, foi apropriado pela comunidade, recebendo o nome de casa branca.

Conforme mencionado, o processo de formação pode ser dividido, de modo geral, em dois períodos, denominados, nesta pesquisa, de: primeiro e segundo ciclo de ocupação. Estes períodos serão expostos nos tópicos que seguem abaixo.

4.2 PRIMEIRO CICLO DE OCUPAÇÃO

O primeiro ciclo de ocupação estende-se de 1954, momento da construção da primeira residência no morro de Bento Ferreira, até o fim da década de 80, momento em que a migração campo-cidade, estimulada pela industrialização, começa a estabilizar e apresentar redução. Este período contém o princípio da ocupação do bairro, em que o lugar não apresentava nenhuma estrutura para receber moradias.

No Projeto de Regularização Fundiária, elaborado pela Fundação Vale (Fundação Vale, 2011, p.122), consta que a área onde se encontra o bairro Jesus de Nazareth pertencia até 09/01/1952 à Empresa The Leopoldina Railway Company Limited, sendo transmitida a posse para o Governo do Estado do Espírito Santo a partir desta data.

No Diagnóstico Sócio-Organizativo do Projeto Terra (PMV,1998?), consta que o início da ocupação, no correr da década de 50, baseando-se no que os moradores relatam, se deu de forma desordenada e as primeiras 20 famílias que se fixaram na parte baixa do morro, conhecida como Castanheira ou Prainha, pretendiam diluir os custos com moradia, evitando o aluguel. Muitos vieram de bairros da própria cidade como Tabuazeiro e Praia do Suá, enquanto outros se deslocaram de outros municípios e estados.

A respeito deste primeiro momento de ocupação o “Projeto de Regularização Fundiária – Fase 1”, elaborado pela Fundação Vale, cita que,

segundo entrevista com morador antigo, a primeira construção na área data de 1954, quando o pai do morador, que trabalhava numa serraria próxima, fixou moradia ali, no local conhecido como “Prainha”. Os moradores antigos contam que no início da ocupação as moradias eram de madeira, bastante precárias e carentes de qualquer infraestrutura. (FUNDAÇÃO, 2011. p.19)

O contexto de ocupação do bairro, não foge ao processo histórico da urbanização capixaba. Portanto, o espaço do bairro também foi remodelado com as consequências da industrialização do estado do Espírito Santo e das mudanças

ocorridas no setor agrícola do território capixaba e nacional no correr da segunda metade do século XX.

A partir da reestruturação do ambiente rural, com as mudanças ocorridas na produção agrícola, provenientes da erradicação de cafezais e diversificação da produção do setor, muitas pessoas deixam os campos de cultivo por não haver trabalho e condições de sobrevivência.

A cidade de Vitória, após se configurar como polo produtivo industrial, atrai muitas dessas famílias repelidas do interior do estado. Com isso, muitos bairros da Grande Vitória tiveram sua população acrescida e esse também foi o caso do bairro Jesus de Nazareth. Segundo Siqueira, entre 1960 e 1980, a população da Grande Vitória passou de 198.265 para 706.263 habitantes, além disso, a autora resalta que,

o processo de industrialização veio redefinir o espaço urbano, na medida em que, somando-se ao papel de sede da burocracia e da capital comercial, a cidade também se constitui no “lócus” da atividade produtiva. (SIQUEIRA, 2001)

Da população residente na Grande Vitória no ano de 1980, 47,9% era considerada “carente”, morando em assentamentos tidos como “subnormais”. O grande contingente de novos moradores fez surgir também novos espaços de moradias, novos bairros de ocupação irregular. Boa parte dessas ocupações se deu em locais, a princípio, impróprios para moradia, como manguezais, altos de morros e até mesmo dentro de lixões, como foi o caso de São Pedro (SIQUEIRA, 2001).

Nas entrevistas com os moradores de Jesus de Nazareth é possível perceber as dificuldades desta fase inicial em que o morro não contava com nenhuma estrutura para receber moradias, momento em que o acesso à água, energia elétrica e infraestrutura de acesso era restrito ou inexistente.

A possibilidade de não pagar pela terra, pois era de propriedade do Estado e não apresentava ocupação, fez surgir as primeiras residências, mesmo sendo a permanência conflituosa, a duras penas as pessoas foram se fixando no local.

Segundo Davis,

em toda parte do Terceiro Mundo a escolha da moradia é um cálculo complicado de considerações ambíguas. Como a frase famosa do arquiteto anarquista Jonh Turner, “moradia é um verbo”. Os pobres têm de resolver um equação complexa ao tentar otimizar o custo habitacional, a garantia de posse, a qualidade do abrigo, a distância do trabalho e por vezes, a própria segurança. (DAVIS, 2007, p.39)

Muitos relataram as dificuldades para se conseguir água. Caminhavam até próximo o estádio do Vitória Futebol Clube, localizado a aproximadamente 500 metros do bairro, onde havia uma torneira, os moradores traziam a água em latas. Com o tempo os pontos de água foram chegando para locais mais próximos das residências.

Segundo Dediel, morador do bairro, o acesso à água determinou a localização das primeiras famílias que se instalaram no morro. Na castanheira, local que abrigou os primeiros moradores, encontrava-se um poço na casa da dona Djalma e muitas famílias usufruíram desta fonte de água, para tanto, foram se alocando nas proximidades deste terreno para facilitar o acesso, o que tornou a ocupação nesse local mais densa.

Dona Djalma tem 84 anos, segundo ela, é a primeira moradora do bairro Jesus de Nazareth. Ao chegar em Vitória morou na Praia do Suá, momento em que o bairro tinha poucas casas e a presença marcante de portugueses, lembrando as festas de São Pedro e a pequena vila de pescadores. Posteriormente instalou-se no pé do morro, na beira do mar, com a intenção de diminuir os custos com moradia, não queria pagar aluguel e morar em casa de terceiros, e pelo fato da terra em questão não ser ocupada, ali se fixaram, ela e o marido.

Segundo Dona Djalma, em 1954, quando se instalou no bairro, o aterro de Bento Ferreira não tinha sido efetivado, e não havia nenhum morador e nem mesmo os órgãos estaduais estavam instalados nas proximidades, tendo seu marido trabalhado nas obras de construção do DNER, tornando-se posteriormente funcionário do órgão.

Para manter a residência utilizava água do poço de seu terreno, tornando-se uma referência no bairro por fornecer água à população, que aos poucos foi se instalando no morro, num período em que as primeiras instalações de água não haviam chegado ao bairro. Dona Djalma é um ícone do bairro, os moradores mais antigos sempre a referenciam como a pessoa que teria o maior conhecimento sobre esse período inicial da ocupação.

Em fim, a primeira torneira pública é instalada, os moradores passam a ter acesso “facilitado” à água. Consta no arquivo da Prefeitura Municipal de Vitória, na lei n.º 1390 do ano de 1965, a autorização para se instalar uma lavanderia pública, estando uma cópia do documento no anexo 4. No documento está denominado como lavanderia, contudo, segundo os moradores, era uma torneira simples, localizada na entrada principal do bairro, nas imediações do atual Bar da Átila.

De acordo com as entrevistas, efetuadas com os moradores do bairro Jesus de Nazareth, as filas para abastecer os baldes de água eram longas e algumas pessoas recebiam pelo serviço de levar a água para as casas. Dona Geralda, antiga moradora do bairro, no momento com 80 anos de idade, nos falou um pouco a respeito do bairro no início da ocupação e de como ganhava dinheiro para ajudar nas despesas da casa, com o abastecimento de água.

Isso daqui não era bairro, meu filho. Era umas casinhas que tinha por aqui. Aqui, nessa casa, já morava meu cunhado, aí foram eles que partiram um pedaço do terreno e vendeu pra nós...

Alí era uma torneira pública... aqui na Átila. Quando faltava água aqui a gente buscava lá na Sarandi perto do Vitória (Clube de Futebol). Seu Remi... ele me pagava pra eu botar água na casa dele de madrugada. Eu carregava 12 latas de água, quando amanhecia, o tonel já tava cheio de água, até em cima.

O acesso a luz também é um assunto recorrente nas entrevistas. Os moradores relatam que, por muito tempo utilizaram lamparinas, contam inclusive que muitos

barracos foram construídos de noite, com iluminação de lamparinas para fugir da fiscalização da prefeitura.

Conforme o anexo 3, na lei municipal de 12 de fevereiro de 1965, consta no artigo 1º o seguinte:

Fica o executivo municipal autorizado a providenciar junto à Companhia Central Brasileira de Força Elétrica, a instalação de uma rede de iluminação, no Morro de Bento Ferreira, ao lado do D.N.E.R., em Bento Ferreira, para atender a população daquela localidade.

Os moradores relatam que mesmo depois de instalada a rede, a qualidade do serviço era baixa, não eram todos que tinham acesso à energia elétrica e a rede não atingia todas as partes do bairro.

Conforme as falas dos moradores a autoconstrução excedia o lugar de moradia, ou seja, as pessoas não se limitaram a construir com as próprias mãos os barracos e as casas, se reuniam, também, para abrir as ruas, com pás e enxadões, aplicando a força de trabalho própria, para suprir a ausência de infraestrutura do bairro. Portanto, as principais ruas foram traçadas e efetivadas pelos moradores, o que caracterizou uma ocupação sem planejamento formal prévio, tendo como consequências o pequeno espaço para locomoção de automóveis e de pessoas.

A maioria dos moradores entrevistados fez referência a um período em que houve forte fiscalização à construção no morro e que muitas pessoas perderam suas casas por não estarem quites com a documentação regular. Os moradores não souberam dar detalhes dos motivos que estavam entremeados nas ações da prefeitura, sabe-se somente que foi no período da ditadura militar (1964-1984) e que aparentemente os conflitos ocorriam por conta de não pagamentos de taxas de construção, uma espécie de alvará municipal.

Conforme já foi citado, os moradores recorriam a construção noturna para fugir da fiscalização. Essa prática de construção noturna parece ter sido uma alternativa utilizada de forma mais ampliada em outras áreas. A respeito disso, em seu trabalho

sobre a ocupação do Morro dos Alagoanos, Barros faz a seguinte colocação quando aborda a construção noturna:

Essa prática de ocupação de terrenos em áreas urbanas durante a noite, no entanto, não é prerrogativa do Morro dos Alagoanos, sendo aparentemente uma prática bem comum com objetivo de se escapar de uma vigilância maior que poderia haver sobre essas áreas durante o dia. (BARROS, 2010, p. 62)

Dona Djalma também relatou ter sofrido muito com os fiscais públicos, por terem ameaçado derrubar a sua casa, teve que resistir para se manter no local, não soube dizer o motivo do atrito, contudo afirmou que o morro passou a ser chamado de morro do contestado a partir do assassinato de um fiscal da prefeitura no momento em que foi desocupar uma residência para demolição do barraco.

O senhor Dediel cita um período em que o bairro simbolizava perigo, momento em que ele ainda não era morador, dizendo que recebia o seguinte conselho de um amigo: “Meu filho, quando chegar dia de sábado, você não vai naquele morro ali não... o nome era esse mesmo, Morro do Contestado... Pode ficar sabendo, paulada você leva.”

O entrevistado se refere ao sábado pois era dia de festividade no morro, havia um salão, no atual “Ponto Final”, em que ocorriam bailes de forró e pessoas de outros bairros vinham para se divertir .

Uma das hipóteses levantadas, no decorrer da pesquisa, para justificar a resistência do poder público sobre a ocupação, era a possibilidade de que os órgãos públicos quisessem manter os planos originais para a região, em que vislumbravam os morros como parques naturais e visadas, como consta no projeto do Novo Arrabalde e no projeto do Bairro Saldanha da Gama propostos, respectivamente, pelo engenheiro Saturnino de Britto e pelo arquiteto Agache, ilustrados nas figuras 8 e 9. Para isso, impunham limites à ocupação, derrubando barracos e retirando famílias, contudo, não foi possível encontrar indícios dessa hipótese nas entrevistas e nos documentos encontrados.

Conforme já citado, pode-se afirmar, por meio das entrevistas que, havia uma taxa, cobrada pela prefeitura para se construir, e os moradores afirmam que as pessoas eram retiradas por não pagarem essas referidas taxas. Outro fator que inviabiliza essa suposição é que o impedimento à ocupação irregular, por parte dos órgãos públicos, não se deu somente em regiões com planos de urbanização, como é o caso de Jesus de Nazareth.

Além disso, em 16 de dezembro de 1964 foi assinada a lei nº 1.305, que autorizava o Poder Executivo a promover trabalhos de urbanização no Morro de Bento Ferreira, conforme anexo 6, e em 25 de fevereiro 1965, como já mencionado, a prefeitura instala no bairro uma torneira pública.

Portanto, os conflitos existiram. Contudo, fica claro, por meio das entrevistas, jornais e documentos, que havia um diálogo entre a comunidade e os órgãos públicos, e estabeleceram negociações que renderam conquistas à comunidade no que tange a urbanização do local. A ocupação não foi obstaculizada por completo, havia um aceite do setor público, pode ter existido um interesse político nesta relação para manutenção de relações clientelistas, contudo, não foi relatado nem encontrado fato que evidenciaria isso.

As relações entre prefeitura e comunidade podem ser ilustradas na mudança do nome do bairro. Essa mudança de denominação inclusive dificultou um pouco as pesquisas documentais. O bairro foi denominado, oficialmente, Jesus de Nazareth, em 13 de junho de 1966, o documento que embasa está afirmação está no anexo 5. Até então, o bairro chamava-se Morro de Bento Ferreira. De acordo com as pesquisas, o bairro já teve três denominações, sendo duas oficiais: Morro de Bento Ferreira e Jesus de Nazareth. E Morro do Contestado como denominação extraoficial.

O senhor João Araujo Padilha, um dos principais responsáveis pela mudança do nome, foi entrevistado pelo Jornal A Tribuna, no dia 02/05/2002. A seguir um pequeno trecho da reportagem:

O aposentado João Araujo Padilha, 82, foi um dos que batalharam por melhorias. [...], contou ele que foi presidente da associação durante oito anos.

A fé de Padilha foi fundamental na hora de batizar o local pela segunda vez, “Eu não gostava quando chamavam esse lugar de Morro de Bento Ferreira. Então, fui ao prefeito da época, Solon Borges, e pedi para fazer a mudança. Fizemos tudo dentro da lei” contou Padilha. Ele explicou que sugeriu esse nome por acreditar em Jesus. (A TRIBUNA, 05/2002)

4.3 SEGUNDO CICLO DE OCUPAÇÃO

Na década de noventa houve um novo ciclo migratório oriundo do sul da Bahia. Constatase, a partir de entrevistas, que a crise do cacau, ocasionada pela doença “Vassoura de Bruxa”, pressionou uma quantidade significativa de famílias para o sudeste, pois trabalhavam em lavouras atingidas e perderam sua principal fonte de



recursos. Na busca de melhorar suas condições de vida, boa parte dessas famílias veio para o estado do Espírito Santo, sobretudo na região metropolitana, sendo o bairro Jesus de Nazareth um importante receptor destes imigrantes.

Segundo o Diagnóstico Situacional de Saúde de 1997, realizado pela Prefeitura Municipal de Vitória, o bairro, até naquele momento, teria recebido cerca de 150 famílias provenientes do Estado da Bahia. (PMV, 1997, p.11)

Figura 14: Moradora do alto do morro, proveniente do sul da Bahia, 2008.
Fonte: fotografia do autor

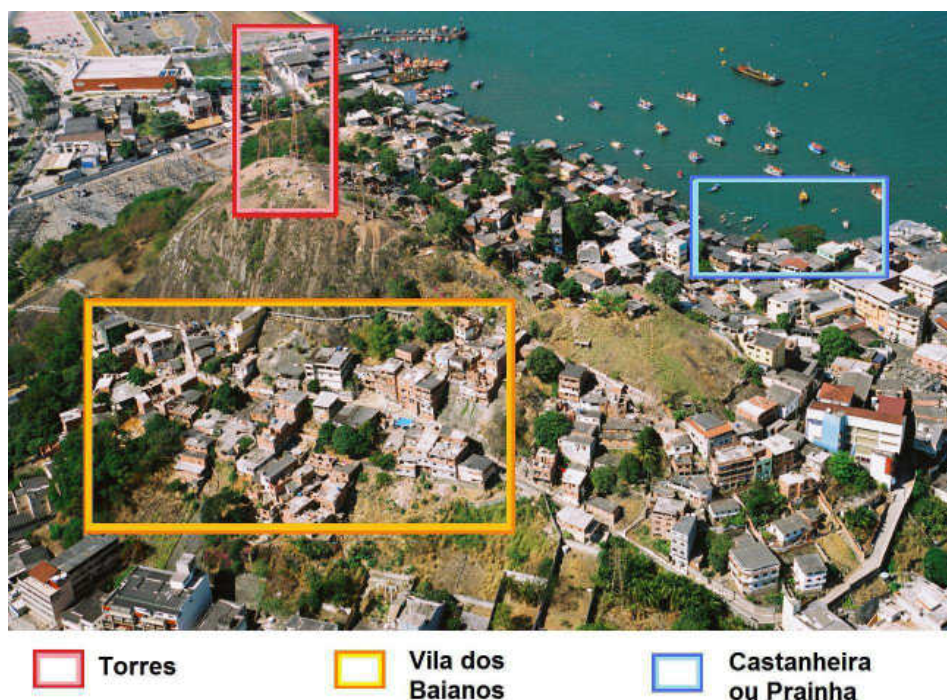


Figura 15 – Vila dos Baianos, torres de eletricidade e Castanheira.
 Fonte: Fundação Vale, 2011.

Ocupando, sobretudo, a parte superior do morro, até então, pouco utilizada para moradia, deram início a ocupação daquilo que hoje vem a ser denominada “Vila dos Baianos” ou “Invasão”. Sobre a formação dessa parcela do bairro o estudo relata o seguinte:

o que a torna especial, no entanto, é o forte poder que exerce no imaginário coletivo do bairro, sendo reconhecida e citada por todos. Esta área formou-se a partir do início desta década, data em que o morro começa a receber um fluxo de migrantes provenientes da Bahia, vindo a totalizar cerca de 150 famílias, conforme depoimento do Sr. Silvino, então presidente da Associação de Moradores do Morro Jesus de Nazareth. (PMV, 1997, p.11)

O bairro no início da década de noventa, já apresentava uma quantidade de moradores considerável, dotados de costumes e referências culturais próprias. A chegada de 150 famílias de outro estado, não foi, nem poderia ser, um acontecimento pouco notável. A demanda no bairro por assistência médica, ensino e infraestrutura urbana, foi ampliada.

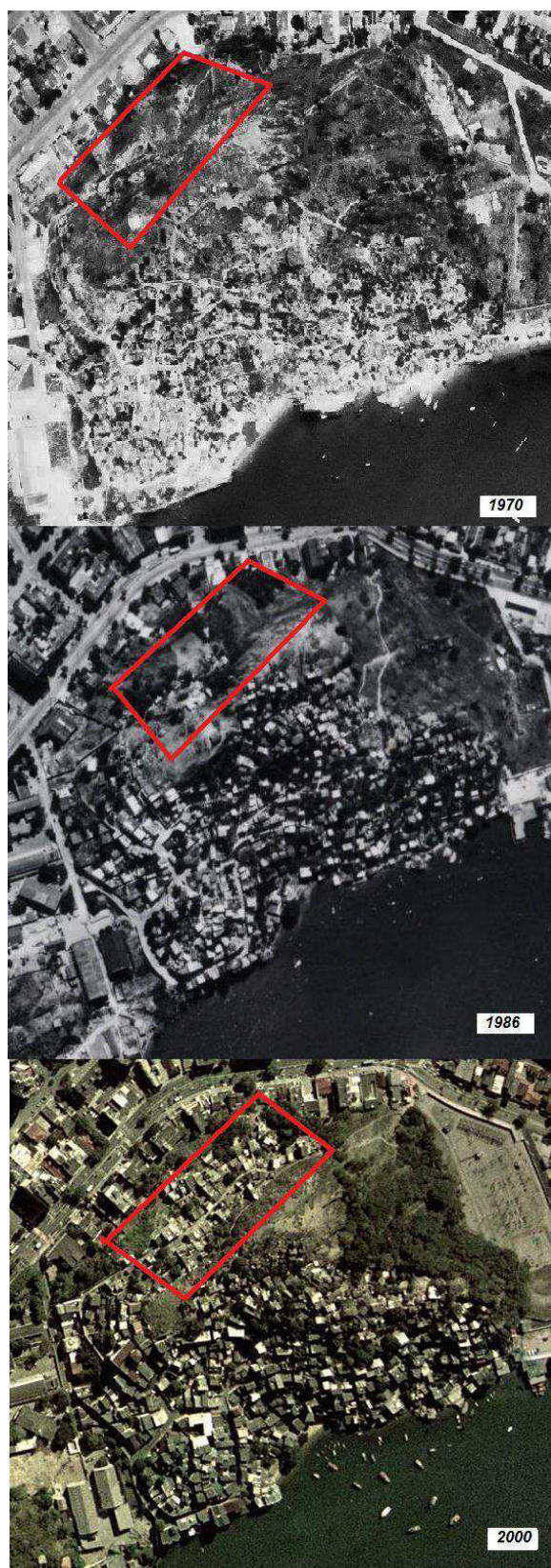


Figura 16: Evolução da ocupação; 1970 – 2000, Vila dos Baianos.
Fonte: 1970 (IDAF), 1986 (IJSN), 2000 (IDAF).

Nas fotografias da página anterior, figura 15, podemos perceber o avanço da ocupação na Vila dos Baianos, sobretudo, a partir da diferença encontrada entre a fotografia aérea de 1986 para a do ano 2000.

Esta porção do bairro, a “Vila dos Baianos”, se encontra na vertente oposta ao mar, local de inclinação acentuada, que apresenta grande dificuldade para edificar moradias, contudo, isso não se configurou em empecilho para adensar a população do bairro e dar início a uma nova leva de cidadãos urbanos, que acabavam de chegar da lida agrícola, então falida, para se embrenhar em veredas diferentes, num cotidiano urbano e em um bairro já ocupado por outras pessoas, um lugar já territorializado.

A territorialidade compreendida como característica inerente ao homem conota um espaço conhecido, delimitado, que serve à manutenção diária da vida. [...] É o bairro que institucionaliza, de certo modo, esta territorialidade no contexto urbano (principalmente através das identidades territoriais) [...]. (PAULA, 2007)

Para compreendermos o processo de formação desta parte específica do bairro foi efetivada entrevistas com moradores ligados a este novo território, um desses entrevistados foi o Ivo Gomes, um jovem de 29 anos de idade, garçom, morador do bairro a aproximadamente 20 anos. Ele reside na área denominada “Vila dos Baianos” também denominada de “Invasão”.

Ivo aparenta lembrar muito bem de como era o bairro na época em que ali se fixou. Relembrou os aspectos gerais do local, dizendo que até o início dos anos noventa não havia acesso à eletricidade nesta porção do morro, e o local era tomado por terra batida, havendo, inclusive, árvores frutíferas no meio da rua, o acesso era dificultado em dias de chuva, pois o local é inclinado e a lama, logicamente, apresentava-se como um obstáculo para a subida. Apesar de a área ser chamada de invasão, ele afirmou que a residência onde mora foi comprada de outro proprietário.

Relembrou a respeito da chegada dos baianos, dizendo que, muita gente não gostava da presença dos imigrantes e até mesmo entre as crianças aconteciam pilhérias e desentendimentos alimentados pela origem dos novos moradores.

Hoje essa discriminação já está muito diluída, com o passar do tempo, a mistura, inevitável, vem proporcionando uma convivência pacífica e gerando uma cultura mesclada, refazendo capixabas e baianos.

Existe um fato particular na composição destes migrantes que vieram para o bairro na década de 1990. Boa parte deles é do mesmo distrito ou das proximidades, o local é denominado “Pimenta” e se situa no município de Mascote, sul da Bahia.

Em entrevista, a senhora Noêmia, bibliotecária, ex-presidente da associação de moradores do bairro, explica o fato. Sua família é proveniente da Bahia e após se fixarem no Espírito Santo foram trazendo outros parentes. Sua mãe retornou ao local de origem para procurar os consanguíneos depois de muitos anos, momento em que os chamou para se mudarem para Vitória, pois acreditava ser este um local que dispunha de trabalho e melhores condições de vida para eles.

Neste momento, início da década de noventa, o sul da Bahia, confirma a entrevistada, passava por um período de crise agrícola e pouco a pouco os familiares e conhecidos foram se mudando para o bairro, o resultado é que boa parte dos moradores além de vizinhos são também parentes.

Todo ano, sem exceções, são alugados ônibus de excursão e parte dos moradores vai comemorar a festa da cidade natal, momento em que aproveitam para levar aos parentes que ficaram, presentes, roupas e eletrodomésticos. O retorno temporário dos conterrâneos se tornou um evento de grande importância no distrito de Pimenta, o local não dispõe de hotel ou pousadas e os parentes se organizam para receber os visitantes. No bairro os moradores já se acostumaram com as viagens e alguns capixabas também vão junto com os migrantes para aproveitar a festa.



Figura 17: Excursão anual para o distrito de Pimenta – BA, 2009.
Fonte: Fotografia do autor

Por conta da ausência de muitas crianças, no período da viagem, a escola do bairro Jesus de Nazareth se programa para receber uma quantidade menor de alunos, não marcando eventos e avaliações.

No ano de 2009 foram alugados três ônibus, alguns migrantes que moram em outros bairros também se inserem na excursão organizada por dois moradores do bairro.

Outros participantes do evento vão de automóveis particulares, levando família e amigos.



Segundo os participantes, em ano eleitoral a festa é sempre maior, além dos antigos moradores o vilarejo recebe pessoas de outras localidades. São três dias de muita festa, com “trio elétrico”, bandas, e blocos.

Figura 18: Chegada da excursão. Pimenta – BA, 2009.
Fonte: Fotografia do autor

Esse deslocamento anual proporciona uma oxigenação nas referências culturais, pois retornam com frutas típicas, demais gêneros alimentícios e CD's de músicas que estão tocando na região, trazendo essas influências para o bairro.

Na "Vila dos Baianos" os serviços de infraestrutura chegam aos poucos, algumas escadas ainda não contam com corrimão e as vias de acesso são estreitas, o que dificulta manobras de automóveis maiores, atrapalhando entrega de mercadorias e o deslocamento dos moradores.

5 EVOLUÇÃO DOS EQUIPAMENTOS E INFRAESTRUTURA NO BAIRRO

Os aspectos atuais, que encaminham à finalização desta pesquisa, na verdade, deram início aos estudos, pois, parti do conhecimento prático do espaço já construído e modelado, da realidade em si, composta por paisagens e pessoas, vividas e vivas, que foram, ao longo do tempo, construindo e transformando o lugar. Portanto, o estudo nasceu do que é para o que foi um dia. O costume da linearidade fez iniciar a escrita do antigo para o novo, mas na realidade fui rompendo o tempo em seu avesso, numa geografia regressiva, as geografias de tempos anteriores. Segundo Reclus, *a Geografia não é outra coisa que a História no Espaço, assim como a História é a Geografia no Tempo*. (apud DUARTE, 2006)

Ao longo da pesquisa foram se abrindo os diferentes tempos relacionados à construção de lugar, construção deste pequeno recorte do espaço geográfico. Segundo Santos,

a noção de espaço é assim inseparável da ideia de sistemas de tempo. A cada momento da história local, regional, nacional ou mundial, a ação das diversas variáveis depende das condições do correspondente sistema temporal. (SANTOS, 1992)

Ao longo desses tempos, muitas demandas foram levantadas pela população. Muitas destas já foram sanadas e outras ainda serão, por algum tempo, pontos de pauta da organização política dos representantes do bairro e mais adiante pontos de interferência da gestão pública.

A implantação de projetos que desenvolveram a infraestrutura de acesso viário, acesso à água e esgoto, contenção de encostas, construção de creches, posto de saúde e escola, tornou o local mais preparado para manter uma população urbana. Além disso, a maturação da economia das famílias ocorre gradativamente, dando melhores condições de vida a essas pessoas.

A tabela abaixo, relaciona fatos históricos e conquistas do bairro em relação à infraestrutura urbana e organização política.

Quadro 1 – Dados históricos e Conquistas da Comunidade

Data	Evento
1952	• A área é transferida da Empresa The Leopoldina Railway Company Limited para o Estado do Espírito Santo.*
1954	• Primeira moradia do bairro Jesus de Nazareth, ainda denominado morro de Bento Ferreira
1965	• Instalação da primeira torneira pública
1965	• Instalação de rede de iluminação
1965	• A lei nº 1.305, que autorizava o Poder Executivo a promover trabalhos de urbanização no Morro de Bento Ferreira
1966	• Regulamentação da Associação de Moradores
1969	• Construção do Centro Comunitário
1989/92	• Construção da EMEF Edna de Mattos Siqueira Gáudio
1994/98	• Construção do CMEI Lídia Rocha Feitosa
1998	• Implantação do Projeto Terra
2000	• Posto de Saúde*
2010	• Entrega do Condomínio Mar Azul*

Fonte: Projeto Terra - Diagnóstico Sócio-organizativo

Nota: *Dados acrescentados pelo autor

Em 1998, a prefeitura deu início à implantação do Projeto Terra no bairro Jesus de Nazareth, promovendo contenção de encostas, urbanização de escadarias, e aplicando estudos técnicos sobre áreas de risco e caracterização social.

A desocupação de residências instaladas em áreas de risco e áreas de preservação ambiental era um dos problemas gritantes do bairro. As lideranças comunitárias buscaram essa realocação por muito tempo, contudo, somente no ano de 2010 isso foi concretizado por meio do projeto, denominado, na atual gestão municipal, de Projeto Terra Mais Igual.

Em 2010 foi construído o residencial Mar Azul, para receber os moradores realocados de áreas de risco e proteção ambiental. Em seu trabalho de conclusão de curso, em arquitetura, Oliveira (2011), estudou a implantação do conjunto habitacional construído no bairro Jesus de Nazareth, nele caracteriza o Projeto Terra Mais Igual e descreve aspectos da ocupação.

Projeto Terra Mais Igual é o nome fantasia que essa gestão deu ao Programa Integrado de Desenvolvimento Social, Urbano e de Preservação Ambiental em Áreas Ocupadas por População de Baixa Renda do Município de Vitória, um programa multissetorial que conta com a cooperação de várias secretarias e com a participação popular. O programa busca promover o desenvolvimento urbano e social no intuito de qualificar o espaço, desenvolver uma consciência ecológica e capacitar os moradores para atuarem politicamente e buscarem a igualdade social.

Em Jesus de Nazareth foram feitas várias melhorias e, além disso, foi constatada a necessidade de reassentamento das famílias que viviam no alto do morro, em Áreas de Proteção Ambiental ou em situação de risco. Segundo a Assistente Social da Poligonal 4 e 5, Clotilde Frota Cosme, essas famílias foram cadastradas e lhes foram oferecidas três opções: indenização pela casa a ser removida; auxílio moradia para a compra de uma nova casa; e reassentamento no conjunto projetado pela Secretaria de Habitação no mesmo bairro. Todo o processo de mudança foi acompanhado pela equipe de Assistência Social do Projeto de Terra Mais Igual com o fim de facilitar essa mudança e ajudar as famílias na adaptação e na permanência na nova área. (OLIVEIRA, 2011, p.21)

Quarenta e uma residências, destinadas a habitação social, foram construídas na parte baixa do morro, na Rua Afonso Sarlo, deste total, 38 foram ocupadas por famílias que residiam no alto do morro em habitações precárias e áreas de risco, e 3 por famílias provenientes de outros bairros da cidade, o condomínio, conforme já mencionado, recebe o nome de Mar Azul. (OLIVEIRA, 2011, p.28)

É necessário que a prefeitura mantenha um acompanhamento das famílias, pois com a moradia regularizada os gastos com impostos e demais encargos aumentam consideravelmente, podendo afetar a permanência das pessoas no local. De modo geral, o deslocamento das famílias se configurou, neste caso, como uma prática positiva da intervenção pública, contudo, existem queixas a respeito da qualidade do projeto, estrutura e tamanho da residência.

Quando questionados sobre a localização do conjunto, todos se mostraram satisfeitos com a mudança, por ser uma área mais acessível e bem equipada de serviços. Os entrevistados relataram que o comércio localizado na sua antiga vizinhança atendia bem às suas necessidades, mas ter descido do morro facilitou porque agora podem chegar com o carro em casa e passaram a ser atendidos pelos serviços de entrega em domicílio do comércio local.

Com relação à paisagem, todos percebem a riqueza natural que os cercam, mas sentiam a natureza mais presente na casa antiga, porque era mais sossegado, ouvia-se o canto dos animais e alguns moradores cultivavam plantas nos quintais. Alguns sentem falta de ter mais área verde em casa, mas a carência não é unânime.

Todos os entrevistados gostam do aspecto geral do conjunto, mas todos reclamam do acabamento e de deficiências da edificação, como falhas na drenagem e na cobertura. Nesse período das entrevistas, várias casas alagaram por causa das chuvas, causando infiltrações, goteiras e estragando os móveis de alguns moradores. (OLIVEIRA, 2011, p.23)

O tamanho das residências é uniforme, aproximadamente 50m², o mesmo espaço em que vivem duas pessoas, comporta uma família de oito membros. Os moradores vêm fazendo pequenas adaptações para ampliar as moradias, em algumas delas o lugar tem a função mista de comércio e residência. (OLIVEIRA, 2011, p.25)



Figura 19: Condomínio Mar Azul.

Fonte: Produção de subjetividade na habitação social (Oliveira, 2011).

Ao lado do condomínio “Mar Azul”, foi construída uma quadra poliesportiva, que sanou, em parte, a antiga demanda por área de lazer no bairro. A quadra tem sido utilizada também para fins recreativos, bailes funk, festas e festivais de vinil, dentre outras atividades.



Ainda nas proximidades desta área, está em construção, há mais de cinco anos, uma escola de ensino fundamental da Prefeitura de Vitória, a obra já foi paralizada diversas vezes e nas proximidades das eleições de 2012 pintaram a faixa, mesmo estando o restante incompleto.

Apesar das intervenções do poder público, sobretudo a partir da década de 1990, existem alguns problemas vivos na comunidade. A questão do acesso ainda é um problema do bairro, existem idosos que moram no alto do morro, e como as vias dão passagem a pessoas e não a veículos, isso dificulta em caso de emergências, e até mesmo no deslocamento diário dessas pessoas que perpassam becos, descem e sobem tantos degraus quanto forem necessários. Esse é o problema mais difícil de resolver, pois no reconstruir de vias haveria uma mudança muito grande, e dispendiosa, além dos transtornos aos moradores.

Figura 20: Vias de Acesso no alto do morro.
Fonte: Fotografias do autor, 2010.

Outro grave problema é o subdimensionamento do esgoto, sempre que ocorrem chuvas fortes a galeria não suporta o volume de água e transborda, tornando o ambiente insalubre e com odor desagradável, parece não haver divisão de águas pluviais e água de esgoto. Após o asfaltamento de quase todas as ruas do bairro, o problema piorou, pois o asfalto impede a infiltração da água da chuva no solo, aumentando o volume de água nas galerias.

Existe um processo corrente de regularização fundiária no bairro, sendo elaborado pela prefeitura da cidade em conjunto com a Fundação Vale. Foram efetivados cadastros em boa parte do bairro, e estudos sobre a posse fundiária do local.

A regularização fundiária é uma faca de dois gumes, pois ao valorizar a propriedade e o aluguel, ela empurra as pessoas com baixa renda para fora do bairro, pois não têm condições de pagar os encargos da casa e do terreno regularizados. A respeito disso Davis salienta que “sem a intervenção pública decisiva no mercado imobiliário, a mera distribuição de títulos dificilmente seria uma alavanca de Arquimedes para erguer o destino da grande massa de moradores urbanos pobres” (DAVIS, 2007, p. 89). Assim, a regularização pode, se não acompanhada, favorecer a especulação imobiliária.

Seguindo a tendência existente nas áreas urbanas, o bairro também passa por um processo de verticalização, pelo qual se reproduz o espaço a partir da construção de novos andares, sendo estes novos espaços destinados, sobretudo, para fins residenciais. Podendo ser utilizado para a ampliação da moradia ou provimento de recursos financeiros para os proprietários, a partir de aluguéis. Hoje, já se tornou difícil encontrar residências de um único andar no bairro. Conforme ilustra a figura 21, logo abaixo.



Figura 21: Verticalização, 2012.
Fonte: fotografias do autor.

Esse fenômeno pode ser notado em outros bairros populares na cidade de Vitória, o que demanda um estudo estrutural preventivo em âmbito local e municipal, para evitar futuros desabamentos e demais problemas, pois já existem, no próprio bairro estudado, prédios de mais de cinco andares, isso se torna mais preocupante com a proximidade entre as construções.

Retomando a respeito do processo de regulamentação da posse de terrenos e residências, alguns moradores e proprietários de imóveis, que se cadastraram no programa de regularização fundiária, não terão direito à titulação do terreno, pois os imóveis estão abaixo das linhas de alta tensão ou nas proximidades. Estes fios de eletricidade transmitem energia de Vitória para Vila Velha, e pelo que consta no

relatório da Fundação Vale, a área próxima à linha de transição é considerada não edificável e de servidão administrativa. Portanto, a titulação do imóvel, em nome do morador, torna-se inviável, pois é área de domínio da Escelsa.

Na imagem abaixo, figura 22, disponível no Projeto de Regularização Fundiária (VALE, 2011, p. 57) ilustra-se uma simulação da área não edificável, pela proximidade dos fios de transmissão de eletricidade.

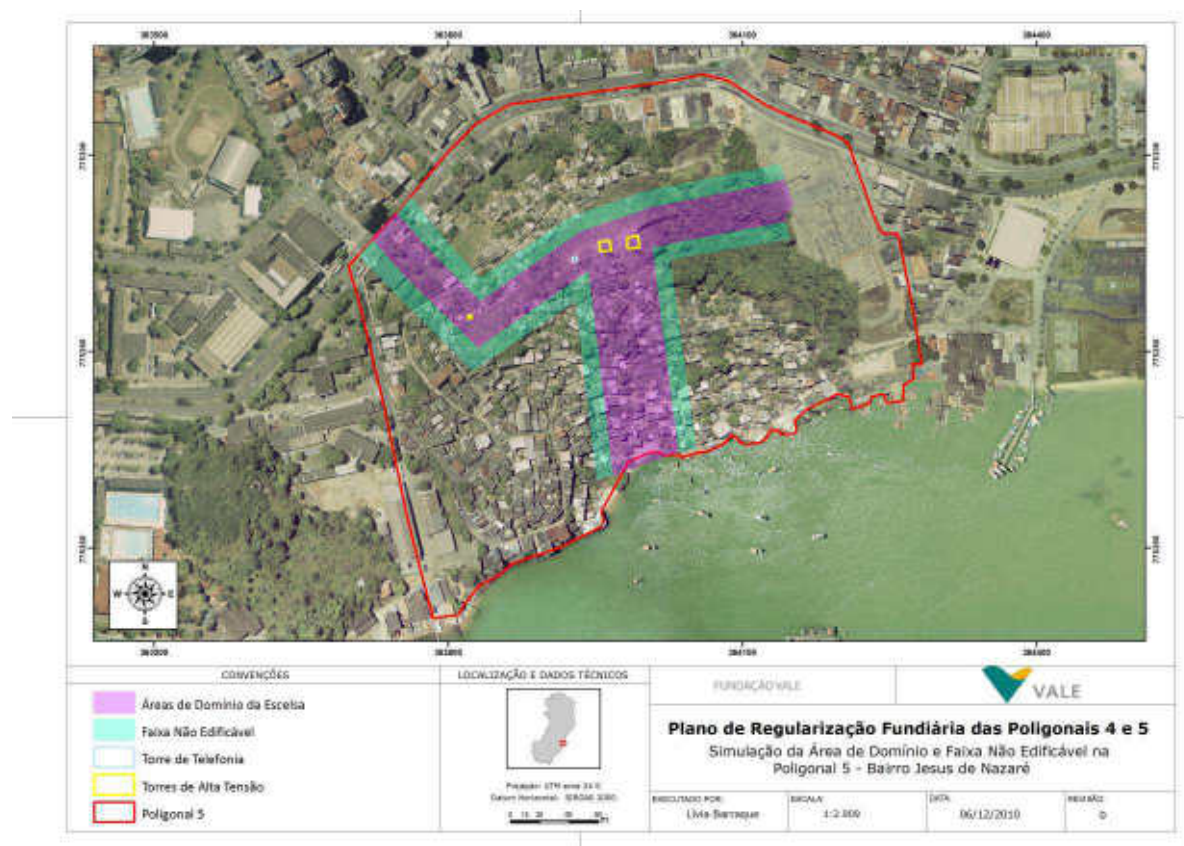


Figura 22 - Simulação de área de faixa não edificável
Fonte: Fundação Vale, 2011

A respeito da não titulação das áreas próximas aos fios de alta tensão, a prefeitura de Vitória postou a seguinte nota em seu site:

No final de 2010, a Prefeitura de Vitória e a Fundação Vale firmaram uma parceria com o objetivo de realizar um estudo para elaboração do Projeto de Regularização Fundiária, no âmbito do programa Terra Mais Igual, nas

Poligonais 4 (comunidades Alto São José e Alto Santa Helena) e 5 (bairro Jesus de Nazareth). [...]

Nessa poligonal (Jesus de Nazareth), o domínio territorial, ou seja, o registro de propriedade encontra-se em nome do Município de Vitória, do Governo do Estado do Espírito Santo, que abrange a área de servidão administrativa utilizada pela EDP/Escelsa e da União. Os moradores residentes na área de servidão administrativa, apesar de cadastrados, por força de legislação federal e por se tratar de local indevido para habitação, não serão titulados. (PMV, 2012)

Os moradores, de modo geral, não sabiam que a proximidade das linhas de transmissão de energia poderia acarretar tais consequências, e garantem que já habitavam o local antes mesmo de as torres serem construídas, inclusive, se considerarmos o mapa da figura 21, a primeira residência construída no bairro está inserida nesta área não edificável, de domínio da Escelsa e do poder público.

As torres tornaram-se uma referência para o bairro, a partir de 2009, quando passaram a receber iluminação artificial permanente (GAZETA, 2010), com intuito de ornamentação, se tornando um ponto de destaque no bairro.



Figura 23 – Iluminação das torres
Fonte – Agnaldo Mendes (morador do bairro)

O tráfico de drogas em varejo faz parte do cotidiano do bairro, isso pelo menos, nas últimas três décadas se tornou contínuo. Parte dos moradores, sobretudo jovens sem perspectiva profissional, vislumbra na criminalidade ascensão social. O problema está longe de ser solucionado, pois a sociedade e o poder público, de modo geral, abordam a questão numa visão policialesca, não consideram, ou pouco consideram, os aspectos sociais envolvidos.

São comuns crimes contra a vida. No ano de 2012, pelo menos, três assassinatos ocorreram no bairro, numa população de aproximadamente 3.000 é um número preocupante, próximo a 1 assassinato a cada 1000 moradores. Ocupando, em relação às taxas de homicídios, uma posição intermediária, se comparado com outros bairros localizados na Região Metropolitana da Grande Vitória, conforme Atlas da Criminalidade no Espírito Santo. (ZANOTELLI et al., 2011, p. 106).

O tema da violência é comum entre os moradores, inclusive entre as crianças, que convivem com isso rotineiramente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender a formação do bairro Jesus de Nazareth. No início da pesquisa havia muito interesse nos momentos de resistência da comunidade para se manter no local, contudo poucos moradores viveram esses períodos, e não se sabe ao certo a data exata em que ocorreram os desmontes dos barracos e o conflito com a comunidade.

O estudo se ateve aos períodos de ocupação ressaltando aspectos que contribuíram para adensar a moradia e torna-la mais segura e digna. Este trabalho não pretende sanar as histórias, e geografias que neste bairro se fazem possíveis. O bairro é um

universo, uma miríade de teias, tecidas por tantas vidas que se fixaram e que se fixam neste espaço. Esta forma de construção autogestionada em que muitos construíram sem mesmo ver o fim da obra, sem saber ao certo o que surgiu e o que vai surgir, é rica e possibilita infinitas abordagens.

Logicamente o entorno do bairro continuará influenciando na sua construção, os bairros de Bento Ferreira e Enseada do Suá têm recebido investimentos contínuos no setor imobiliário de comércio e moradia, e isso, em conjunto com a regularização fundiária em curso, deve aumentar os preços dos imóveis nos bairros próximos, afetando as economias dos moradores, sobretudo, daqueles que dependem do aluguel, para prover moradia.

Espero que, de alguma forma, o trabalho sirva para outros moradores, para que se estimule a reflexão sobre o espaço, e que a reflexão estimule ações que possam nos tornar mais atores do lugar que habitamos. Que a história de conquistas prossiga nas pessoas para sabermos a melhor hora de permanecer e de alterar o que está posto.

Nas entrevistas os moradores sempre ressaltam as melhorias que ocorreram no bairro e o desejo de se manter no lugar, é um saldo positivo, o bairro atual não se compara ao início composto por ruas de terra batida e ausência de todos os serviços essenciais de uma vida urbana, contudo ainda existem demandas sociais e estruturais a serem sanadas.

Nas áreas de ocupação recente ainda existem sérios problemas de acesso, baixa qualidade da rede de esgoto, dentre outros problemas, referentes as condições sociais em que se encontram as famílias.

Fica o desejo de que o crescimento da cidade e a especulação fundiária não empurrem parte dessas pessoas para as periferias da cidade e para longe dos benefícios que conquistaram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A GAZETA. **Classe média valoriza serviços em Bento Ferreira.** Vitória, 26 de janeiro de 1993.

A GAZETA. **Mortes no Estado, 5 propostas pela vida.** Vitória, 4 de dezembro de 2012.

A TRIBUNA. **Às margens da baía, Jesus de Nazareth.** Vitória, 02 de maio de 2002.

A TRIBUNA. **A Tribuna vai para Bento Ferreira.** Vitória, 19 de fevereiro de 2001.

A TRIBUNA. **Dinheiro que vem do mar.** Vitória, 20 de abril de 2002.

A TRIBUNA. **Dinheiro vem do mar em Jesus de Nazareth.** Vitória, 29 de agosto de 2006.

BARROS, A. M. **A Cidade Sob O Olhar Da Periferia: Aspectos Do Cotidiano Dos Moradores Do Morro Dos Alagoanos**, 2010. Dissertação de Mestrado em Geografia. Vitória: UFES, 2010.

DAVIS, M. **Planeta Favela.** São Paulo: Boitempo, 2007.

DUARTE, R. H. **Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Elisée Reclus.** *Revista Brasileira de História*, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882006000100002> consultado em Outubro de 2012.

ENTRE o Morro e o mar é aqui que eu quero morar. Produção: Equipe do Noturno EMEF Edna de Mattos Siqueira Gáudio, 2007. 1 DVD

FUNDAÇÃO VALE. **Projeto de Regularização Fundiária – Fase 1, Poligonal 4 e 5**, 2011.

GAZETA ONLINE. **Torres de Jesus de Nazareth iluminam a capital de verde e amarelo durante a copa.** Texto disponibilizado em 25 de junho de 2010. In: Gazeta Online. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com>. Acesso em: 01 de dezembro de 2012

MATTEDI, J. C. **Praia do Suá.** Vitória: Secretaria Municipal de Cultura Coleção Elmo Elton.9, 2002.

MENDONÇA, E. M. **Cidade Prospectiva - O projeto de Saturnino de Brito para Vitória.** São Paulo: Annablume, 2009.

MELLO, J. B. F. de. **Valores em Geografia e o Dinamismo do Mundo Vivido na Obra de Anne Buttimer.** ESPAÇO E CULTURA, UERJ, Rio de Janeiro, nº. 19-20, p. 33-39, Jan/dez, 2005.

OLIVEIRA, L. A. **Produção de subjetividade na Habitação Social.** Monografia de conclusão de curso *de Arquiteto Urbanista* . Vitória, ES: UFES, 2011.

PAULA, Fernanda Cristina de. **Geografia de bairro: territórios vividos e experiência urbana no bairro Bosque, Campinas.** Monografia de conclusão de curso. Instituto de Geociências/Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

Prefeitura Municipal De Vitória; **Diagnóstico Situacional de Saúde – Bairro Jesus de Nazareth.** Vitória, 1997.

Prefeitura Municipal De Vitória; **Análise Técnica - Análises das intervenções propostas para a Poligonal 05 do Projeto Terra.** Vitória, 2000.

Prefeitura Municipal de Vitória; Instituto Polis. **Revisão do Plano Diretor Urbano do Município de Vitória. Relatório da Leitura Técnica – Território.** Vitória, 2003.

Prefeitura Municipal de Vitória; **Diagnóstico Sócio-Organizativo – Projeto Terra.** Vitória, 1998?

Prefeitura Municipal de Vitória. Notícias. Disponível em <Www.Vitoria.Es.Gov.Br>

Consultado em outubro de 2012

RIBEIRO, R. A. **Formação Socio-Espacial da Antiga Vila Operária de Chico City, Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo**. *Mestrado de Geografia*. Vitória : Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

SANTOS, M. **Espaço & Metodo**. São Paulo: Nobel,3 ed. 1992.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1991.

SIQUEIRA, M. d. **Industrialização e empobrecimento urbano : o caso da Grande Vitória, 1950-1980**. Vitória-ES: EDUFES, 2001.

SOUZA, L. H. **Praia Do Suá: Mudanças E Permanências Na Paisagem**. Dissertação de Mestrado em Geografia Vitória: UFES, 2010

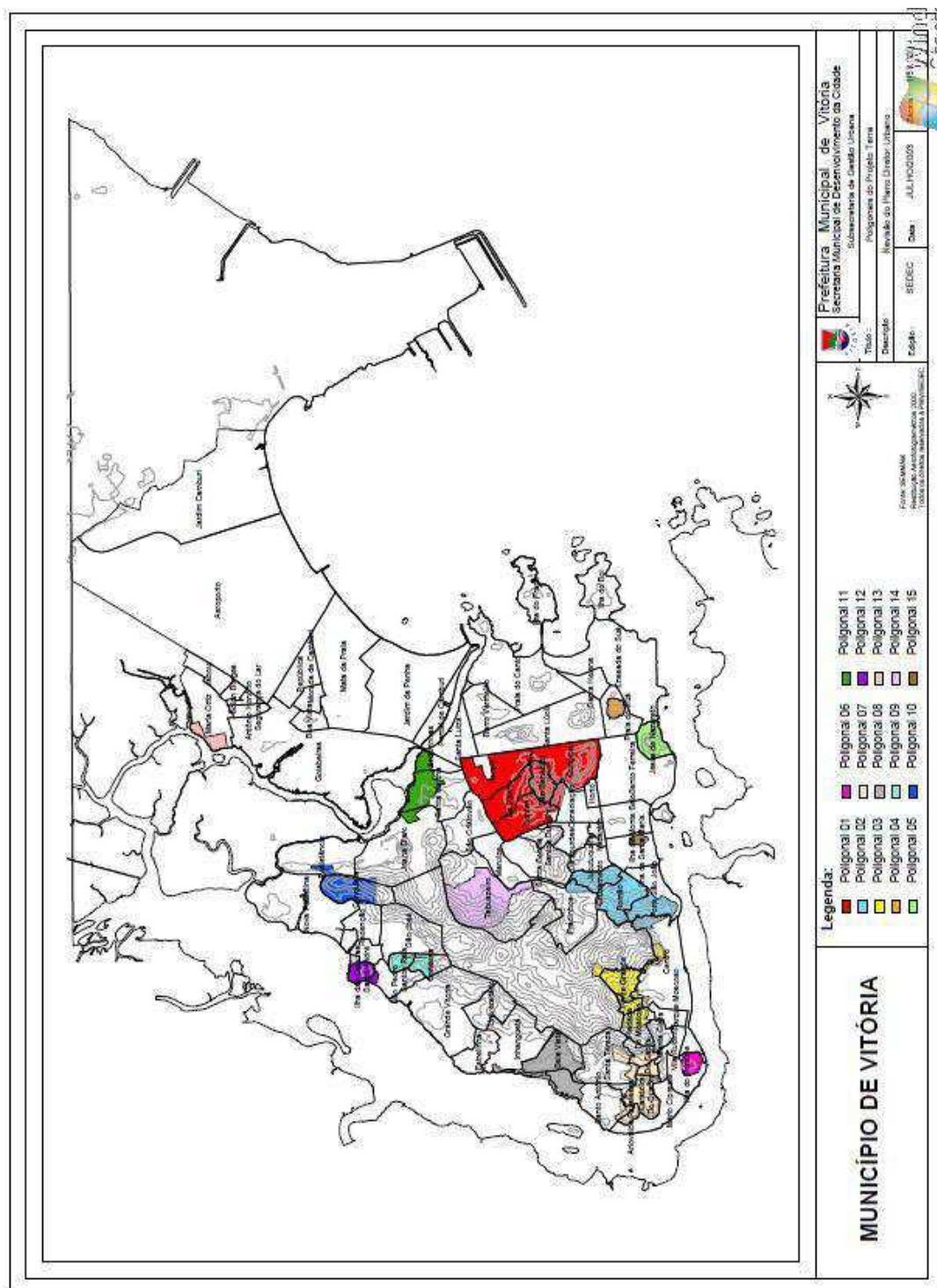
TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

ZANOTELLI, Cláudio Luiz et al. **Atlas da Criminalidade no Espírito Santo**. São Paulo: Annablume, 2011

ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Quando você se instalou no Bairro?**
- 2) O que motivou sua vinda para Vitória?**
- 3) Tinha conhecidos, amigos, familiares que já residiam aqui?**
- 4) Por qual motivo escolheu o bairro?**
- 5) Qual era o aspecto do bairro no momento em que chegou?**
- 6) O local de moradia era alugado, comprado ou ocupado?**
- 7) Como era a moradia?**
- 8) Houve algum tipo de resistência, por parte do poder público ou dos moradores, para a construção da moradia?**
- 9) Como se deu a divisão do terreno, houve conflito?**
- 10) Como avalia o bairro hoje?**

ANEXO 2 – POLIGONAIS DO PROJETO TERRA



MUNICÍPIO DE VITÓRIA

- Legenda:**
- Poligonal 01
 - Poligonal 02
 - Poligonal 03
 - Poligonal 04
 - Poligonal 05
 - Poligonal 06
 - Poligonal 07
 - Poligonal 08
 - Poligonal 09
 - Poligonal 10
 - Poligonal 11
 - Poligonal 12
 - Poligonal 13
 - Poligonal 14
 - Poligonal 15

Prefeitura Municipal de Vitória
 Secretaria Municipal de Desenvolvimento da Cidade
 Subsecretaria de Gestão Urbana
 Polígonos do Projeto Terra

Título: Alvará do Novo Urebor Urbano
 Descrição: BEDEC
 Data: 24/11/2003



ANEXO 3 – INSTALAÇÃO DE REDE DE ILUMINAÇÃO



PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

LEI Nº 1.371

O PREFEITO MUNICIPAL DE VITÓRIA: Faço saber que a Câmara Municipal decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica o Executivo Municipal autorizado a providenciar junto à Companhia Central Brasileira de Forças Elétricas, a instalação de uma rede de iluminação, no Morro de Bento Ferreira, no lado do P.M.A., em Bento Ferreira, para atender à população daquela localidade.

Art. 2º - As despesas decorrentes da execução desta lei, correrão à conta de dotação orçamentária própria que poderá ser suplementada se necessário.

Art. 3º - Esta lei, entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, em 12 de fevereiro de 1965.

Solen Borges Marques
PREFEITO MUNICIPAL

Selada e publicação no Departamento de Administração da Prefeitura Municipal de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, em 12 de fevereiro de 1965.

Clovis da Silva Loureiro
DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE
ADMINISTRAÇÃO

Referência: Proc. DA/0/14 017/65

LAC.

ANEXO 4 – LAVANDERIA PÚBLICA

L. E. I. Nº

1 390

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VITÓRIA

DECRETA:

Faço saber que a Câmara Municipal decretou e a Mesa promulga, nos termos do art. 48, § 2º da Lei nº 65, de 30 de dezembro de 1947, a seguinte Lei:

Art. 1º.- Fica o Executivo Municipal autorizado a construir em terreno que será doado pela Associação dos "Amigos do Morro de Bento Ferreira", em Bento/Ferreira, uma "Lavanderia Pública" para atender a população daquela localidade.

Art. 2º.- As despesas decorrentes da execução desta lei, correrão à conta de dotação orçamentária própria, que poderá ser suplementada oportunamente se necessário.

Art. 3º.- Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal de Vitória, 25 de fevereiro de 1965.


Judson Gonçalves de Aguiar
PRESIDENTE DA CÂMARA

Selada e publicada no Departamento de Administração da Prefeitura Municipal de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, em 17 de março de 1965.

ANEXO 5 – DENOMINAÇÃO JESUS DE NAZARETH



PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO


LEI Nº 1 615

O PREFEITO MUNICIPAL DE VITÓRIA: Faço saber que a Câmara decretou e eu sancionei a seguinte Lei:

Art. 1º.- Fica denominado Bairro "JESUS DE NAZARETH", o Bairro existente no Morro de Bento Ferreira.

Art. 2º.- Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, em 13 de junho de 1966.


Celso Borges Marques
PREFEITO MUNICIPAL

Elabada e publicada no Departamento de Administração da Prefeitura Municipal de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, em 13 de junho de 1966.


Clovis da Silva Loureiro
DIRETO DO DEPARTAMENTO DE
ADMINISTRAÇÃO

LCP. of: Proc. DA/O/ 19.996/66.

ANEXO 6 – TRABALHOS DE URBANIZAÇÃO



ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA


L E I Nº 1 305

O PREFEITO MUNICIPAL DE VITÓRIA: Faço saber que a Câmara Municipal decretou e eu sancionei a seguinte Lei:

Art. 1º.- Fica o Poder Executivo autorizado a promover os trabalhos de urbanização do Morro de Bento Ferreira.


Art. 2º.- Revogam-se as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, em 16 de dezembro de 1964.



Selton Borges Marques
PREFEITO MUNICIPAL

Selada e publicada no Departamento de Administração da Prefeitura Municipal de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, em 16 de dezembro de 1964.



Clovis da Silva Loureiro
DEPUTADO DO DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

B&F. Proc. Da/0/13 387/64

SVG.-

ANEXO 7 – FOTOGRAFIAS ANTIGAS

Um trecho do Suá. Arrabalde de Vitória.

[JM 365]

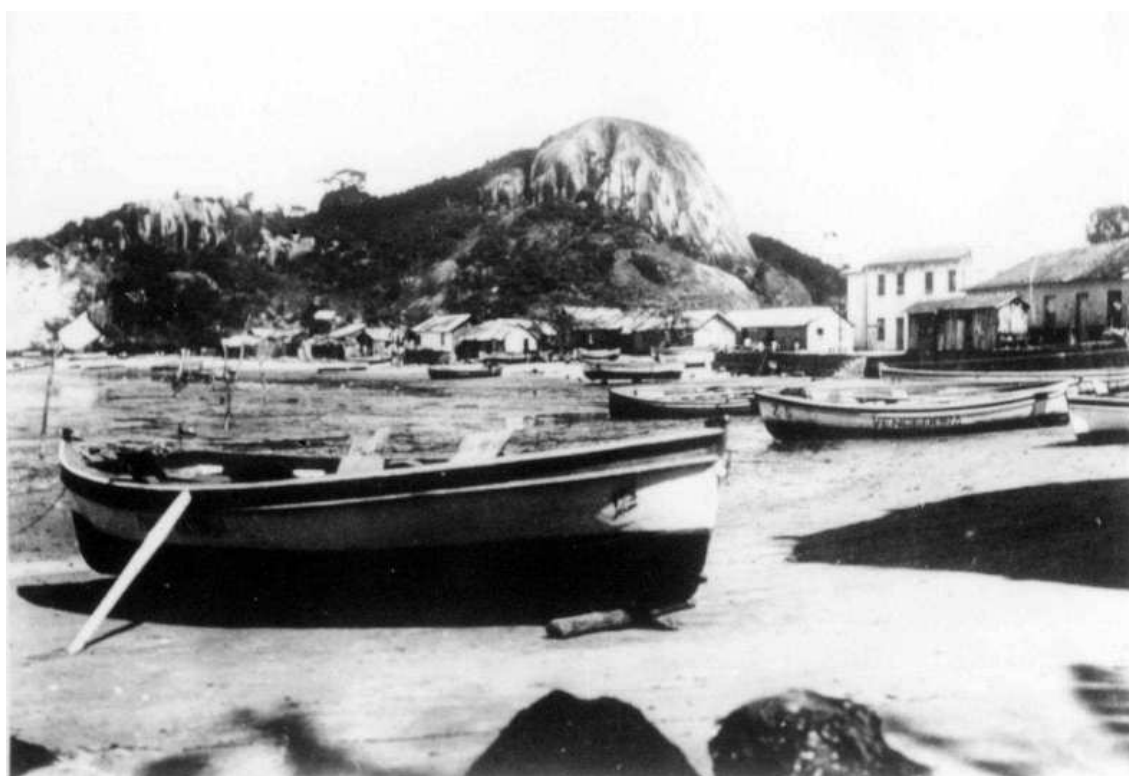
Praia do Suá, como o Morro de Bento Ferreira ao fundo, aprox. 1908-1912
Fonte: Arquivo Público Estadual



Região de estaleiros, da Praia do Suá, vista do atual "Beco da Baiana", 1969.
Fonte: Acervo de José Tatagiba



Bento Ferreira, 1969
Fonte: Arquivo Público Estadual



Praia do Suá com Jesus de Nazareth ao fundo.
Fonte: Acervo José Tatagiba

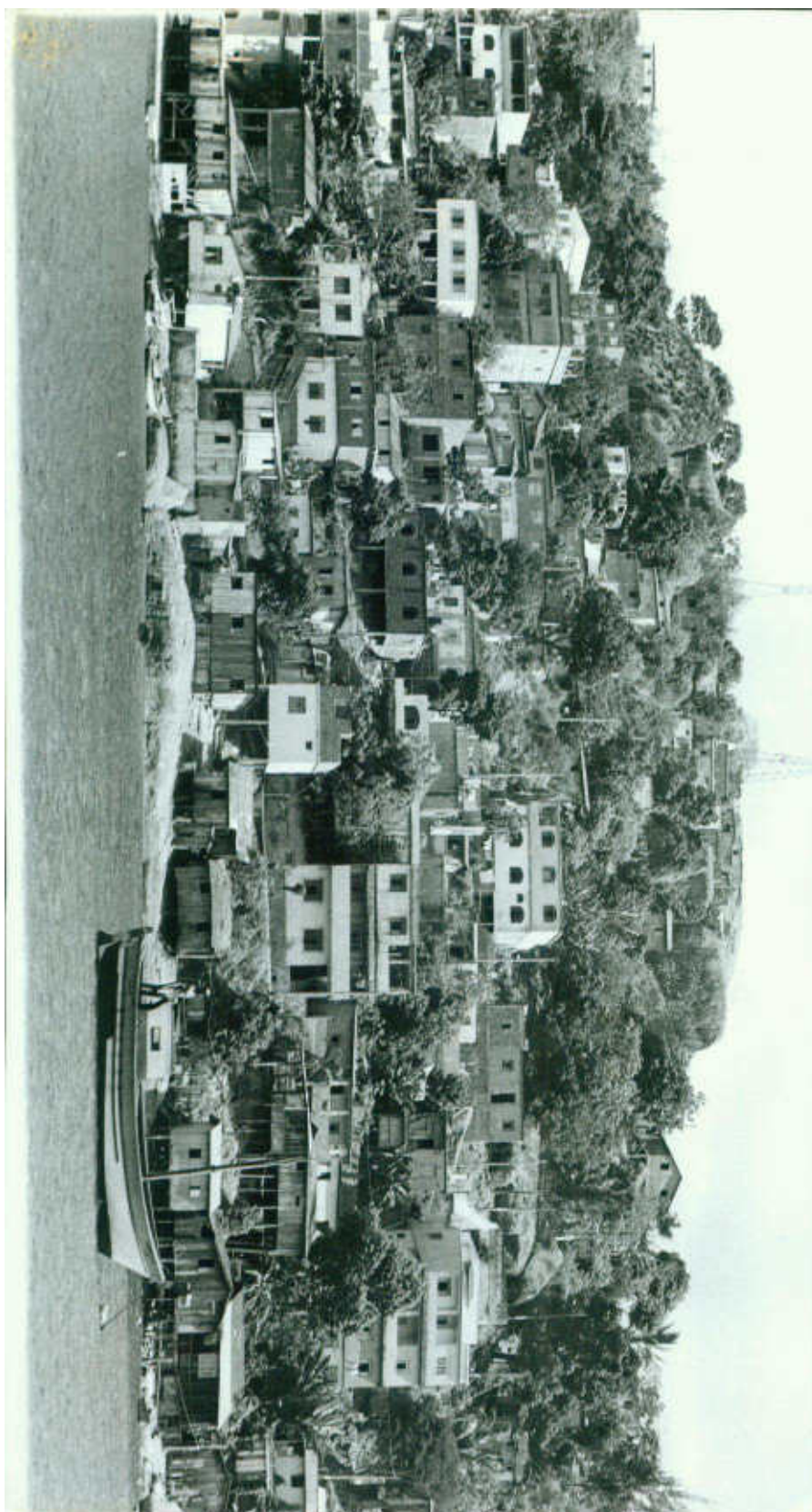


Foto do Morro Jesus de Nazareth – Data: 12/10/1991 – Fotógrafo: Chico Guedes – Rede Gazeta.

ANEXO 8 – FOTOGRAFIAS COMPARATIVAS

